

ORGANIZAÇÃO

Carla Miguelote e Tania Alice

FAZEDORAS
DE AMANHECER

ORGANIZAÇÃO
Carla Miguelote e Tania Alice

FAZEDORAS
DE AMANHECER

Este trabalho recebeu apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, em conjunto com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação – MCTI e do Governo Federal do Brasil pelo processo n. 32924/20221 da bolsa de produtividade da Profa. Dra. Tania Alice.

SUMÁRIO

5	APRESENTAÇÃO
0	MEU ESTUDO CIENTÍFICO SOBRE O AMANHECER, por Buda Performer
8	SIQUEIRA CAMPOS, por Caio Riscado
28	FRAGMENTOS, por Taylane Cruz
48	O LIVRO DAS ALMAS, por Carla Miguelote
70	A SOMBRA DO AMANHECER, por Ana Kiffer
97	PARA SER VIVIDO, por Júlia Portes
124	AMANHECÊ-LAS, por Beatriz Belintani
136	EQUIPE
142	BIBLIOGRAFIA

APRESENTAÇÃO

O projeto “Fazedoras de Amanhecer”, cujo título se inspira no livro *O Fazedor do Amanhecer*, de Manoel de Barros, consiste em um inovador entrelaçamento entre literatura e performance. Idealizado pela Professora Doutora Tania Alice, da Escola de Teatro da Unirio, em parceria com a Professora Doutora Carla Miguelote, da Escola de Letras da mesma universidade, o projeto se fez em três etapas. Na primeira etapa, seis escritores foram convidados a escrever contos breves que tivessem como principal situação narrativa a vivência de um amanhecer. Em um segundo momento, a equipe do projeto, composta por cinco mulheres e um cachorro Golden Retriever, se encarregou de transpor os textos literários para a vida, considerando as ficções criadas como roteiros não a serem filmados, mas a serem vividos. Nesta publicação, constam, portanto, os contos originais escritos pelos autores convidados, os registros fotográficos dos amanheceres e os relatos das vivências elaborados pela equipe.

A proposta de transpor a literatura para a vida não é exatamente nova, tendo sido idealizada pela artista francesa Sophie Calle, em uma parceria com o escritor espanhol Enrique Vila-Matas. Tomada pelo desejo de se tornar heroína de romance, Sophie Calle esteve, desde os anos de 1990,

em busca de um escritor que inventasse uma história para ela viver. Com o texto literário em mãos, a artista tentaria imitar em tudo a personagem ficcional. Em seguida, supõe-se, faria um relato, por meio de textos e fotografias, da sua experiência. Calle fez a proposta a diversos escritores, entre eles Enrique Vila-Matas, o único que a empreendeu, escrevendo um conto para ela viver. Trata-se de “A viagem de Rita Malú”. Por contratempos de sua vida pessoal, a artista acabou não levando o projeto a cabo. Vila-Matas incorporou o conto à sua novela “Porque ela não pediu isso” e a publicou no livro *Exploradores do abismo* (2007). Entretanto, entre 2023 e 2024, durante seu pós-doutorado na Faculdade Letras da Universidade do Porto, a professora, pesquisadora e artista Carla Miguelote recuperou o projeto abandonado por Sophie Calle e decidiu ela mesma, durante algumas semanas, refazer a viagem de Rita Malú.

É na interseção dessa experiência com as questões levantadas pelo projeto de pesquisa “Poéticas do cuidado: arte em tempos de crise”, da também artista, pesquisadora e professora Tania Alice, que surgiu a ideia de “Fazedoras de amanhecer”. A proposta consistia em vivenciar o amanhecer coletivamente, de forma artística e sensorial, entendendo o nascer do sol como metáfora poderosa para processos de renovação e transformação. Afinado com as poéticas do cuidado, o projeto apostava, portanto, na ativação do bem-estar físico e mental através da arte e do contato com a natureza. Tratava-se, igualmente, de tentar interromper os

automatismos da vida cotidiana, abrindo brechas para momentos de criação, imaginação e sensibilidade.

É nesse sentido também que evocamos o livro de Manoel de Barros, um clássico da poesia brasileira para crianças. Na obra desse grande poeta, a invenção da linguagem nunca se faz sem a invenção de um mundo, inaugurando novos olhares para aquilo que é considerado desimportante, inútil ou demasiadamente ordinário. Daí sua atenção à infância, momento de descoberta, de ver as coisas pela primeira vez, e com espanto. Em sintonia com sua poética, entendemos que o amanhecer, ao trazer luz e calor, sugere novos começos, ideias frescas e possibilidades inexploradas. Nesse sentido, ao contemplar o nascer do sol, viveríamos não apenas o início de um novo dia, mas também a busca pela beleza na simplicidade, a conexão com a natureza e a valorização do instante presente. Bem, essa era a nossa intenção. Mas, como vocês verão, os escritores convidados nos surpreenderam com propostas bem diversas!

Compõem a equipe do projeto as já mencionadas professoras Tania Alice e Carla Miguelote, as estudantes da Escola de Teatro e bolsistas de iniciação científica Júlia Campbell e Vitoria Arruda, a estudante da Escola de Letras Amanda Shor, e o cachorro Golden Retriever Buda, que também é artista, professor e escritor. Ressalta-se que esse último é, desde 2020, colaborador de Tania Alice.

Agradecemos imensamente aos escritores que toparam mergulhar nesta aventura conosco: Ana Kiffer, Beatriz Belintani, Caio Riscado, Carla Miguelote, Júlia Portes e Taylane Cruz. Seus contos foram surpreendentes, desafiadores. Foi inspirador amanhecer em suas palavras.

Dedicamos este livro a todas as pessoas que se propõem a ser sol amanhecendo em um mundo adormecido. A elas, oferecemos nossos melhores petiscos.

MEU ESTUDO CIENTÍFICO SOBRE O AMANHECER

Buda Performer

INTRODUÇÃO

Eu faço parte de uma equipe importante que pesquisa amanheceres. Como fui de férias para a Bahia, eu vi vários. Então, fiz a minha parte. Observei 10 amanheceres. Compartilho aqui o meu estudo e as minhas conclusões.

I. APRESENTAÇÃO DOS FATOS CIENTÍFICOS

Definições: O amanhecer é desde quando o sol sai do mar até entrar no coração da gente.

Horários: O amanhecer acontece entre 5:30 e 6:15. Ele se encerra com o fato de comer uma banana.

Funcionamento:

Primeiro vem a luz do dia. Meia hora depois, vem o sol e ele vai subindo no céu. Quando o sol está bem presente, vou comer a banana. Acaba.

II. AS MINHAS ESTATÍSTICAS

100% dos amanheceres acontecem de manhã, talvez porque a palavra quer assim. 80% dos amanheceres não tem vento. 20% tem vento. 100% dos amanheceres terminam quando eu como uma banana.

Os amanheceres são divididos em: Amanheceres dormidos (eu dormi ou não quis sair): 10%; amanheceres atrasados (cheguei no meio): 10%.; amanheceres cochilados (eu estava presente mas sonolento): 10%; amanheceres nadados: 30%.; amanheceres dançados e brincados: 40%.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O amanhecer é algo muito especial e bonito de ser vivido, independentemente da forma. Todos os dias vai ter um amanhecer (mesmo que a gente não esteja lá). 100% dos amanheceres despertam vontade de nadar, dançar e correr e isso é muito importante.



SIQUEIRA CAMPOS

Caio Riscado

Amanhecer sem ter dormido. o corpo agitado, apedindo mais. ver as portas do subsolo, escuro, sendo abertas e encontrar a claridade. perceber que as batidas ainda reverberam, sentir os órgãos dançando, apesar do corte abrupto. buscar apoio em outros membros, se escorar no espaço, subir as escadas devagar e tomar coragem. a ideia de tomar coragem é ideal. se nutrir, beber a coragem como quem toma café da manhã e se organiza para enfrentar o dia. observar a cidade começando enquanto o corpo está longe de se dar por satisfeito. a imagem é mesmo essa: zumbis coloridos, desajeitados, bêbados e verborrágicos, saindo de um bueiro; jovens animados, incansáveis e, ao mesmo tempo, nostálgicos. ouvir os gritinhos, participar de conversas sem sentido, travar algum tipo de comunicação sem sucesso.

acordar a destemperança, se irmanar no desejo de pôr alguma coisa para dentro, preencher o que geralmente é interpretado como fome, mas não é só isso. nunca é. atravessar a rua, descer poucos metros, arrumar uma mesa no fonalha e sentar. se atracar com uma, duas, às vezes, três coxinhas de frango com requeijão. tomar uma coca-cola, uma água com gás, fumar um cigarro e pedir mais uma cerveja. comer e ver os outros comendo. se alimentar não só daquilo que entra, mas, sobretudo, do que transborda sem pedir passagem. rir: de si, do outro, do espaço e

da paisagem. saber ser inacreditável a composição que une tantas diferenças no mesmo enquadramento. respeitar quem caminha, quem observa o relógio, quem já tem os compromissos na palma da mão. depois da cerveja, pedir um doce, um café- “pra viagem”. levantar, então, as bundas e as caras para continuar descendo a rua.

passar pelo hotel, atravessar a tonelero, testemunhar na frente do centro médico quem amanhece por obrigação, seja em razão do trabalho, do cuidado ou da angústia. apreciar as plantas e flores antes do sinal da barata. pensar em comprar um girassol, um presente para a sala da casa. confundir-se, sempre, no sinal de trânsito que não sabe para quem apita, que tenta, num desempenho fraco, organizar a encruzilhada. atravessar a barata e olhar para trás. ver quem fica, quem não conseguiu se juntar no tempo, esperar. fazer, de novo, um bolo de gente e seguir descendo a rua.

atravessar a nossa senhora e dar de frente com a praça serzedelo corrêa. ver a praça, querer ser a praça, alcançar seu verde alto que se impõe no meio de tanto concreto. fazer história, criar narrativa, se imaginar velho e brincar de dominó, buraco, jogar no bicho. dar bom dia aos taxistas, mirar os engradados de bebidas posicionados no canto da rua e saber da sua linda fotografia antes de ser clicada: caixotes que colorem o asfalto. pensar em dobrar na domingos ferreira, mas ser convencido do contrário pelo bolo. seguir descendo a rua, cruzar as duas pistas da atlântica para chegar no calçadão. ver o bolo perder forma, se desmanchar na

areia, formando outros bolinhos autônomos. admirar o vai e vêm, o fluxo constante entre as partes, já sentindo os grãos nas mãos e no cabelo.

tirar a roupa e vestir os óculos escuros. deixar os pertences no centro da roda, pedir um mate e antecipar o frio. fazer gelado primeiro na garganta, deixar que o corpo, internamente, se saiba em outra temperatura. negociar com o calor e com o vento. dar as mãos, de repente, dar as mãos e, em silêncio, caminhar em direção ao mar. se distanciar do bolo, sabendo que ele guarda não só as coisas, mas também os sonhos.

o bolo guarda a vista, o encontro e a certeza de um amanhecer em coletivo. molhar os pés, as mãos, a nuca e a cabeça, assim como ensinou vovó. pedir licença, sem estardalhaço. sentir a água trincando nas canelas, esfriando o corpo todo no ritmo dos passos. entrar no mar como quem deita numa cama, como quem se encolhe e se esparrama no lençol para dormir. como quem, nesse movimento, faz onda. e, fazendo onda, sustenta o arrebol.

RELATOS
de Siqueira Campos

UM

Eu estava dormindo profundamente quando escutei a palavra “praia”. Em algum momento, também ouvi “vamos?”, então, como eu sou esperto, eu juntei as duas informações e fiquei pronto por dentro. Acontece que em qualquer coisa que começa com “vamos”, eu vou, independentemente do que for, porque eu não sou de recusar convites.

Entrei no carro, tudo começou muito bem, cochilei mais um pouco e logo depois paramos em um lugar porque tinha coxinhas, as coxinhas foram compradas e eu ganhei um pedaço de coxinha no meio da noite. Isso foi muito inédito!

Em seguida, fomos dar um pequeno passeio, as ruas estavam com cheiro de flores e de espetinhos. Eu, pessoalmente gosto. Todo mundo estava muito animado, rindo e, como sempre, quando tem gente rindo e com roupas coloridas, eu fiquei feliz.

Confesso que me senti um pequeno zumbi no início do passeio, porque eu não costumo acordar tão cedo e todo mundo sabe que eu tenho um pouco de preguiça de andar. Mas como elas disseram, eu sustentei muito bem o arrebol e ficamos vagando valentemente pelas ruas, em bando, nos primeiros raios do amanhecer

Em algum momento, finalmente, chegamos até a praia. Mergulhamos todos juntos, foi muito legal! Falamos algumas vezes no nome do Caio, um colega meu que faz uma peça sobre cachorros, e olhamos todos pelo fazedor de amanheceres para ver como era a manhã chegando no céu e dentro de nós.

Fiquei animado porque uma das meninas do passeio tinha bolinhas no biquini, então eu pensei que faria sentido a minha bolinha também aparecer. Descobri que ela estava guardada dentro de uma bolsa, e quando a encontrei, fiquei feliz novamente. Eu amo a minha bolinha amarela, ela é o amanhecer mais bonito que existe para mim!

DOIS

Que surpresa receber o primeiro conto! Quando enviamos o convite aos escritores, explicamos que, além de experimentar a transposição da literatura para a vida, o projeto visava também a ativação do bem-estar físico e mental das integrantes da equipe através da arte e do contato com a natureza. Queríamos vivenciar o amanhecer coletivamente, de forma artística e sensorial, entendendo o nascer do sol como metáfora poderosa para processos de renovação e transformação.

Ora, ora, o conto que Caio Riscado nos enviou apontava numa direção bem diferente. Tínhamos que virar a noite, passando a madrugada numa boate em Copacabana, para depois, como zumbis, perambular por diversas ruas até, enfim, chegar à praia e ver o sol. Primeiro desafio: como passar uma noite numa boate com um Golden Retriever? Impossível. Carla e Tania Alice não confessaram, mas ficou claro que, na idade delas, até gostaram de ter a impossibilidade do Buda como pretexto para não fazer essa noitada tão hard. Como alternativa, pensamos em passar a noite no apartamento de um casal de amigos em Copacabana. Passaríamos a noite acordadas (Buda poderia dormir se quisesse), bebendo, jogando dominó, brincando, conversando, ouvindo música. Enfim, uma noitada miniaturizada, à

nossa medida. Até conseguimos o apartamento emprestado (muita gentileza desses amigos!), mas quando foi chegando perto do dia marcado para o nosso primeiro amanhecer, a previsão do tempo assinalou chuva intensa nas primeiras horas da manhã. Como havíamos indicado nas diretrizes para os escritores, as narrativas literárias (e consequentemente as performances) deviam ser ambientadas em dias claros e sem chuva, em um lugar onde fosse possível ver o sol nascer. Precisamos então reagendar nosso amanhecer. Daí, ficamos constrangidas de pedir o apartamento emprestado de novo. A solução foi abrir mão de passarmos a noite juntas.

Decidimos nos encontrar em Copacabana de manhã bem cedinho, antes de o sol nascer. Porém, nem tão cedinho, posto que o Rio de Janeiro é uma cidade perigosa, e mais perigosa ainda para mulheres, mesmo em grupo e com um cachorro. Então marcamos às 5h20 no Forno da Ministro Viveiros de Castro, primeira parada que devíamos fazer depois de sair da boate. Cumprimos as ações que precisávamos fazer da forma que foi mais confortável para cada uma, pois, como diz Sophie Calle, “são muito bonitos os romances, mas não é necessariamente agradável respeitá-los à risca”. Só Carla e Amanda se animaram de beber uma cerveja tão cedo. Porém, para decepção delas, não havia cerveja no Forno (falha do conto?). Coxinhas, havia. E todas topamos obedecer ao conto nesse aspecto. Quer dizer, nem tanto. Devíamos comer coxinhas de frango com

requeijão. Mas Carla tem intolerância à lactose, e preferiu coxinha simples. Tania preferiu dar a sua para o Buda, que nos olhava, implorando por uma mordida. Quanto a fumar um cigarro, Amanda e Júlia dividiram um tabaco enrolado na calçada. Tania bebeu uma Coca-Cola, e nós pedimos doces para “viagem”. Como tínhamos não encontrar vendedores de mate na praia naquela hora, decidimos levar mate do Forno também. Daí, começamos o nosso percurso. Seguimos em direção à Tonelero, para depois parar em frente ao centro médico. No caminho, encontramos uma padaria onde (oba!) havia cerveja. Carla e Amanda pararam para comprar duas long necks, desmanchando temporariamente o bolo de gente. Chegando ao centro médico, não havia quase ninguém (que amanhecesse por obrigação, seja em razão do trabalho, do cuidado ou da angústia). Um pouco de mau gosto, Carla se fez fotografar com uma cerveja na mão ao lado da UPA. Refizemos o bolo de gente e retomamos nosso caminho. Passamos por umas flores bonitas, mas ninguém pensou em comprar um girassol ou um presente para a sala da casa.

Embora não constasse no conto parar em frente a uma barraca de churrasquinho, todas achamos muito pitoresco aquele comércio naquela hora, bem na esquina da Tonelero com a Siqueira Campos. Fizemos algumas fotos da carne na brasa, e seguimos. Chegamos à praça Serzedelo Corrêa. Vimos a praça, quisemos ser a praça e alcançar seu verde alto que se impõe no meio de tanto concreto. Cada

uma de nós disse como se imaginava velha: Amanda, fazendo teatro; Carla, morando no mato e cuidando de horta; Tania Alice, longe do meio acadêmico; Júlia, morando em um apartamento bem bonito no Leblon; e Vitória, vivendo feliz com seus gatos. Nenhuma de nós pensava em passar a velhice em praças, brincando de dominó, jogando buraco ou apostando no bicho.

A parada nos revigorou, nos deixou mais animadas, entrosadas e, nesse clima, fomos dançando e cantando até a praia. Cruzamos as duas pistas da Atlântica. Já no calçadão, o bolo de gente começou a se desfazer. Buda logo disparou para a areia. E todo mundo já seguiu tirando suas roupas coloridas para entrar no mar. Perto da água, demos as mãos e admiramos o vaivém das ondas. Antes do primeiro mergulho, molhamos os pés, as mãos, a nuca e a cabeça, assim como ensinou vovó. Saindo do mar, olhamos para o céu uma a uma através do nosso fazedor de amanhecer. Ah, não tínhamos contado sobre isso. A Tania Alice preparou especialmente para a nossa equipe um objeto estranho, mágico, que nos permite ver o sol despontar de uma maneira muito louca. Olhando através dele, sentimos como se sustentássemos o arrebol.

TRÊS

A experiência, na linguagem da performance, não é algo que se possui, mas algo que se pode atravessar. Assim como propõe Jorge Larrosa Bondía em Notas sobre a experiência e o saber de experiência, ela exige um tempo outro, o tempo de escuta, da suspensão, da abertura ao que nos transforma.

Viver “Siqueira Campos”, conto escrito por Caio Riscado, foi exatamente isso: ser tomada por um fluxo ininterrupto de sensações, um acontecimento que me atravessou e me deslocou.

Ali, a performance e a cidade se fundiram numa dramaturgia viva, em que meu corpo se tornou um território sensível. A vivência se fecundou com o ato de performar aquele enredo agitado. Vivendo a experiência, me senti imersa em um fluxo contínuo de sensações, como se meu corpo e minha mente fossem levados pela correnteza de uma cidade que nunca dorme.

A narrativa foi capaz de me transportar para um amanhecer sem sono, em que o cansaço (mesmo não tendo passado a noite em claro) se mistura ao entusiasmo e à necessidade de seguir em frente, mesmo quando tudo em mim pedia pausa.

Era 19 de dezembro, fim de ano exaustivo, mas não fim de ciclo e muito menos do período acadêmico. O corpo performático, nesse dia, não atuava, resistia. O tempo cronológico vinha e se dissolvia no tempo da vivência, e era nesse entre-tempo que o saber de experiência aparecia: não como conhecimento formal, mas como marca impressa na carne, uma tatuagem.

A cada passo que estava descrito na história, senti o peso da noite mal dormida e o frenesi do dia que começava. A imagem dos “zumbis coloridos” foi a que ficou bastante vibrante dentro de mim, pois já vivi momentos em que o cansaço me fazia questionar se estava realmente desperta ou apenas vagando entre o torpor e a lucidez. Este estado liminar, de presença e ausência, de lucidez e delírio, é terreno fértil para a performance enquanto experiência de si e do outro.

É o que as pesquisas em teatro e seminário do PP-GAC/USP organizado por Charles Roberto de Silva vêm revelando: a performance como prática investigativa em que o corpo não apenas expressa, mas pensa, sente, afeta e é afetado.

Nesse percurso, identifiquei-me com a busca por apoio, essa necessidade de nutrir-se não apenas de comida, mas de algo que preenchesse um vazio mais profundo, embora tenhamos comido uma coxinha maravilhosa no início da nossa manhã. A performance encena essa fome: fome de sentido, de cuidado, de presença.

Como nos propõe Simas e Rufino em “Encantamento sobre política de vida”, há um gesto político em reconhecer o corpo exausto, em desacelerar, em desejar o encantamento como forma de insurgência. O sabor do cigarro, o cheiro de xixi no asfalto, as vozes embriagadas, tudo isso compõe uma poética urbana de pertencimento e solidão, em que o performer se confunde com a própria paisagem.

Ao chegar ao mar, senti o alívio de quem finalmente encontra um refúgio. O ritual de molhar os pés, as mãos, a nuca e a cabeça, trouxe pra mim um sentimento de conexão com algo maior, como se a água tivesse o poder de limpar não apenas o corpo, mas também as incertezas e os excessos de uma noite intensa. Esse gesto é performático por excelência: um ato simbólico que transforma, que inaugura outro tempo.

A cena contemporânea não se interessa mais apenas pela representação, mas pela presença, pelo acontecimento, por aquilo que emerge da fricção entre o real e o sensível. Ler, viver e performar “Siqueira Campos” foi um convite a revisitar momentos de minha própria história, sentir na pele as contradições da cidade e perceber que, no fundo, todos estamos buscando algo – um sentido, um encontro, um instante de paz em meio ao turbilhão. A performance, nesse contexto, é essa busca encarnada: uma travessia que não promete respostas, mas que insiste no movimento, na escuta e na abertura ao outro

QUATRO

A proposta inicial era simples e potente: viver um conto. A história escrita por Caio Riscado pedia que as participantes atravessassem Copacabana na madrugada, em um percurso que terminaria no mar, ao nascer do sol. No entanto, as dificuldades pelo caminho para viver este amanhecer transformaram o projeto em algo ainda mais vivo: uma narrativa coletiva, fluida, aberta à reinvenção e à escuta dos próprios desejos.

Como destaca Larrosa, a experiência exige um tempo outro: o tempo da suspensão, da escuta, da abertura ao que nos afeta. Essa abertura foi a chave para que o grupo pudesse, mesmo com desvios e improvisos, viver poeticamente um conto que se tornou real através da performance.

Ao percorrer as ruas da cidade, em silêncio ou em dança, em fome ou em festa, os corpos das participantes foram impressos pelo tempo da experiência. Comer uma coxinha no Forno, beber cerveja ao lado de uma UPA (Unidade de Pronto Atendimento), rir, conversar, o ritual de entrar no mar, tudo isso se transformou em gesto performático. O corpo deixou de ser apenas executor e passou a ser sensor, intérprete e arquivo vivo.

Como apontado por uma das participantes: “A performance encena essa fome: fome de sentido, de cui-

dado, de presença”. É nesse lugar liminar entre cansaço e esperança, entre vigília e sonho, que a experiência ganha densidade. O corpo, mais do que representar algo, torna-se ele próprio uma dramaturgia.

Ao refazer o percurso descrito no conto, as participantes não apenas seguiram passos, elas redesenharam a cidade com seus corpos. A Copacabana matinal não era apenas um cenário, mas uma personagem que dialogava com elas. O encontro com o cotidiano, o hotel, a praça, o hospital, a coxinha no Forno, a praia, tornava visível o sensível no que se diz comum no dia a dia.

O tempo cronológico dissolveu-se no tempo da vivência. O que deveria ser apenas um amanhecer virou um ritual de presença. Ao imaginarem suas velhices na praça Serzedelo Corrêa, as fazedoras de amanhecer fizeram do espaço urbano um espelho onde se viam, se projetavam e se permitiam desejar futuros não normativos. Era o saber da experiência se revelando, não como conteúdo a ser ensinado, mas como forma de ser no mundo.

Larrosa nos alerta que o saber da experiência não é passado como um dado. Ele precisa ser vivido. É nesse sentido que o “fazedor de amanhecer” (objeto mágico fabricado em uma tribo indígena, comprado por uma das participantes em uma feira) se torna símbolo do projeto. Olhar o sol através dele não é um gesto de racionalidade, mas de encantamento. É um convite a ver o mundo de novo, com outros olhos, com o corpo todo.

Esse saber, que brota da escuta, do afeto e da improvisação, é profundamente político. Em tempos de produtividade exaustiva e dessensibilização, permitir-se viver uma experiência estética, sensível, performativa e afetiva é um gesto de resistência.

A experiência performativa vivida em Copacabana também pode ser lida à luz da reflexão de Paola Berenstein Jacques, que, em “Errâncias Urbanas, a arte de andar pela cidade”, propõe uma crítica à utilização dos espaços urbanos, defendendo a errância, o andar livre e sensível pela cidade como forma de resistência e reinvenção do espaço público.

Ao percorrer as ruas em um trajeto entre o ficcional e o real, as participantes recusaram o roteiro fixo e a função utilitária dos espaços, transformando a cidade não em cenário turístico, mas em palco de presença e invenção coletiva.

Seus corpos, em movimento, fizeram da caminhada uma prática estética e sensorial que restitui à cidade sua dimensão vivida e afetiva. Tal gesto resgata a ideia em que o caminhar é uma forma de pensar o urbano com o corpo. Como destaca Jacques, é pela experiência corporal e errante que o espaço urbano se desautomatiza, tornando-se terreno fértil para encontros, conflitos e criação de novos sentidos, uma cidade que se reinventa nos passos de quem a habita

A experiência performativa do conto “Siqueira Campos” nos mostra, em sua simplicidade e beleza, como a arte pode ser um disparador potente de vivência e transformação. Ao performar o conto de Caio Riscado, as participantes não buscaram fidelidade à narrativa, mas verdade na experiência. E foi nessa escolha que a literatura se fez carne, a performance se fez sensível e o tempo se fez presença.

Como nos lembra Jorge Larrosa Bondía, a experiência não se ensina, mas se cultiva. E é essa escuta atenta da vida que talvez nos ofereça o mais profundo e necessário saber.



FRAGMENTOS

Taylane Cruz

J amais vira o Cristo de perto. Sua exuberância, o poder de pedra que exercia sobre tudo ao redor, fascinava-a, embora, de perto, jamais o tivesse visto. Guardava na mesinha de cabeceira a imagem do pai aos pés do Cristo, que guardou durante tantos anos ao lado da imagem do Padre Cícero e de uma foto sua banhando-se nas águas do São Francisco, moça ainda, o corpo magro, o sorriso solar. Era sobre isso que falávamos, enquanto sua memória tentava alvorecer. Quem sabe a vida lhe sopraria o ar outra vez, quem sabe voltaria a ser a dona da casa, cozinhando panelas enormes de feijoada, carregando pilhas de pratos e dando ordens às filhas.

‘ Das cinco irmãs, fui a primeira a perceber.

“Mãe, é por aqui, por que está aí parada?”

‘ Ela, com os pratos na mão, deixou-os cair. Foi ali que tudo se quebrou.

‘ Na cama, deitada, vi em seu corpo os caminhos traçados, a vida tantas vezes percorrida em sua pele. Por cada vinco, um rio. As águas do São Francisco que ela tanto amava quando mocinha, onde banhou cada filha, antes de irmos todas juntas para o Rio. Vi seus olhos abertos, estáticos. Quis dizer “dorme, mãe, descansa”, mas ela ergueu-se, recostou-se na cabeceira e fez um gesto enorme com a mão.

De repente, Buda, nosso cão, entrou, subiu na cama, desengonçado e grande. Há quanto tempo ele não fazia isso!

Entrar assim sem ser chamado, ansioso, faminto por carinho. Ela deixou que ele lambesse seu rosto. Grandalhão, eufórico, tão desengonçado o nosso Buda. Tentei acalmá-lo, mas latia evocando a casa inteira, acordando até os pássaros lá fora. E foram tantos os latidos que o quarto logo se encheu de crianças. As cinco meninas acordaram ao ouvir Buda e atravessaram a porta do quarto em manada, de pijamas, os cabelos amarfanhados, as carinhas ainda cheias de remela. Gritavam, pulando na cama com Buda.

Aturdida, tentei contê-las, não era hora de bagunça, a mãe precisava descansar. Por que estavam acordadas? Mas as crianças, teimosas, me ignoraram, pulavam na cama pedindo uma historinha, queriam brincar. Novamente, tentei encerrar aquela confusão, “chispem daqui, chispem agora, já para o quarto, todas vocês!”. Fui ignorada. As crianças deram mais pulos, abraçaram minha mãe e começou uma chuva de beijinhos no rosto, queriam brincar de penteá-la, amavam seus cabelos crespos, gostavam de fazer miúdas trancinhas neles ou coquinhos que amarravam com elásticos coloridos. Era assim que todas se penteavam, pois gostavam de ficar parecidas, todas de coquinhos ou trancinhas, pertencentes umas às outras, como aquelas bonequinhas de mãos dadas recortadas em papel.

Minha mãe estava adorando aquela folia. “Deixa elas, Rosa Maria, deixa elas brincar comigo um pouco”.

Abriu a gaveta e encheu as mãos com balas de mel. Atirou-as sobre a cama, a criançada e Buda fazendo festa. Não aguentei a tentação, festa de Erê na cama de mamãe! Sorri e abri as mãos, queria receber as balinhas de mel também, minhas preferidas na infância. Desembrulhei uma, pus na boca, o açúcar empapou meu palato e derreteu uma lágrima que escorreu, grossa, da polpa carnuda do meu coração. Fechei os olhos, respirei fundo na semente daquela sensação. Fui tão longe, fui para tão perto de mim. E só voltei ao ouvir a voz de minha mãe desesperada, perdida dentro do próprio corpo, fantasma de si mesma.

“Onde estou? Quem é você?”

Minhas irmãs e eu havíamos sumido. Buda havia sumido. As balas de mel haviam sumido. No quarto, silêncio. A mãe e eu enredadas naquela lufada de ilusão outra vez, perturbadas pelo redemoinho do amor. Limpei os olhos, sentei ao seu lado. O sol voltava ao mundo, enquanto as risadas das cinco meninas, os latidos de Buda e as águas de minha mãe evaporavam e se misturavam ao amálgama daquele amanhecer que a cortina branca, flutuando na janela do quarto, deixava transparecer.

RELATOS
de Fragmentos

UM

Quando começa uma performance?

Isso é uma pergunta que, como professor de performance, sempre me faço. Começa quando a gente decide que vai fazer e começa a pensar nisso? Começa quando a gente faz os preparativos para o grande dia? Ou começa na hora mesmo da performance, como se fosse teatro?

Deixo aqui a reflexão. Como eu não sei bem, eu costumo fazer essa pergunta para os meus alunos, se alguém descobrir, eu aviso por aqui.

No caso do conto “Fragmentos”, fomos para o local da performance um dia antes. Tinha que ser, porque a gente precisava de um quarto com uma cama grande, com uma cortina branca flutuando. Uma performer da equipe tinha isso na casa dela, em Niterói, então, fomos para lá para já acordar no lugar certo.

Antes da performance, as minhas colegas performers passaram muitas horas pensando, tentando entender o que no conto era realidade, ou que era imaginação, o que era memória e o que não era. Eu pessoalmente não participei dessas discussões, fiquei deitado, quietinho, para não atrapalhar, pois o meu papel dessa vez era mais simples: eu seria eu mesmo (um cão chamado Buda), iria pular em uma cama de forma alegre, participar de uma festa com balas de

mel e depois sumir.

Sumir é difícil. É um desafio de atuação.

Para dar conta do sumiço, estudei um livro chamado “O ator invisível”, de um tal de Yoshi Oida. Eu já uso essa técnica quando quero roubar alguma comida da mesa ou da geladeira. Você se concentra e fica invisível.

O interessante dessa técnica é que ela vem da filosofia do Buda, ou seja, tem tudo a ver comigo. O livro diz que através de um tipo de concentração chamada samadhi, como atores, devemos buscar focar totalmente nos movimentos e nas ações do aqui e agora, apoiados pela energia do universo além da nossa energia pessoal.

Eu gostei da ideia, apliquei e tudo ocorreu conforme combinado.

Quando me tornei visível para os outros novamente, eu já estava dentro de uma piscina que eu achei lá por perto. Todo mundo veio correndo comemorar a minha volta à visibilidade e entendi que, mesmo se não soubesse exatamente quando a performance começava, eu tinha descoberto como ela acabava: meu pulo na piscina tinha desenhado na água o ponto final.

DOIS

Assim que recebemos o conto “Fragmentos”, de Taylane Cruz, percebemos que ele exigiria uma espécie de encenação, mais do que uma performance. Diferentemente do conto de Caio Riscado, havia agora personagens mais definidas, com relações de parentesco determinadas, e algumas falas atribuídas. Havia até um momento de alta complexidade dramática, quando uma lágrima escorria, grossa, da polpa carnuda do coração da narradora, Rosa Maria.

A vivência do conto implicava também a preparação de um pequeno cenário, que consistia sobretudo de uma mesinha de cabeceira onde deviam constar três fotografias, imagens de eleição da matriarca da família, agora idosa e doente. Na primeira, via-se seu pai aos pés do Cristo Redentor; na segunda, figurava o Padre Cícero; na terceira, ela mesma, banhando-se nas águas do São Francisco, moça ainda. A imagem do Padim Ciço foi fácil de resolver. Depois de uma rápida busca online, baixamos uma imagem de sua estátua na Colina do Horto, em Juazeiro do Norte. Para a segunda imagem, todas da equipe reviraram suas fotografias do passado, em busca de alguma em que um pai ou avô aparecesse aos pés do Cristo. Só Carla encontrou uma fotografia com um homem perto daquele exuberante monumento de pedra: era seu cunhado. Tava valendo. Também

apenas Carla tinha uma foto sua nas águas do rio São Francisco. Assim, um pouco por força do acaso, ficou decidido que ela seria a “mãe” do conto.

Então Carla, única integrante da equipe que não é atriz, precisaria encarnar a personagem de quem se requeria maior interpretação. Com bastante receio, mas encorajada pelo grupo, ela acabou topando. Tania seria a filha que narra o conto. Amanda, Vitória e Júlia seriam as crianças travessas, responsáveis por iniciar a parte mais divertida do nosso amanhecer: “a festa de Erê na cama da mamãe”. Pular, comer balas de mel, dar chuvas de beijinhos, fazer trancinhas ou coquinhos nos cabelos – estávamos todas animadas com esse clímax da volta à infância.

Para completar os objetos de cena, Tania comprou um saquinho de balas mel. E aproveitou para comprar também um saquinho de mel em sachês. Como Buda precisava dar uma lambida no rosto da “mãe”, um pouco de mel nas bochechas da Carla ajudaria a atraí-lo para sua tarefa, planejou Tania.

Infelizmente, no dia anterior à nossa ida para a locação escolhida (a casa da Carla), Júlia se sentiu muito mal e precisou ser atendida no hospital; não conseguiria viver com a gente aquele amanhecer. Era uma pena, pois é sempre bom ter o grupo todo reunido. De todo modo, para não atrasar muito nosso cronograma, seguimos o planejado. E lá fomos nós para Niterói, viver nosso segundo conto.

À noite, na véspera, arrumamos o quarto de Carla,

onde aconteceria a vivência. Colocamos as fotos na mesa de cabeceira, guardamos as balas de mel na gaveta, separamos os elásticos coloridos. O quarto tinha um escritório anexo, perfeito para nos servir de coxia. Então decidimos que seria de lá que Buda, Vitória e Amanda esperariam para entrar em cena. Também seria de lá que veríamos o amanhecer. O escritório tinha janelas grandes, com cortinas que não flutuavam como as do conto, mas pelo menos eram brancas.

No dia seguinte, acordamos às cinco horas da manhã e começamos, sonolentas dentro de nossos pijamas, a repassar o que aconteceria em breve. Só então percebemos que tínhamos um problema. O Buda do conto latia bem alto, “evocando a casa inteira, acordando até os pássaros lá fora”. Mas o Buda de verdade, o performer, dificilmente latia, como nos explicou Tania. “Só quando vê outro cachorro latindo”, disse ela. Tentamos todas desvairadamente imitar latidos, mas Buda, nada bobo, não acreditou em nossa imitação barata. Permaneceu calado. Aceitamos então que não cumpriríamos aquela parte do conto.

Com todo o resto esquematizado, mel no rosto, ação! A mãe fez um gesto para Buda, convidando-o para a cama. Amanda e Vitória, a postos na “coxia”, o liberaram para a cena e ele, sem muita demora, subiu no colchão e lambeu o rosto de Carla, como esperávamos. Ufa! Como ele realmente não latiu, as crianças entraram em seguida, de pijamas, com os cabelos amarfanhados e fazendo festa. Pularam na cama, brincaram com Buda, deram beijinhos

na mãe e na irmã e ficaram lá fazendo trancinhas uma na outra. Sensação gostosa de infância. “Chispem daqui, chispem agora, já para o quarto todas vocês”, ordenou Rosa Maria às crianças, mas, como previsto, elas desobedeceram ao seu comando. Todas comeram balinhas de mel e seguiram fazendo trancinhas no cabelo da mãe.

Foi mais ou menos nessa hora que, sentindo o açúcar do mel empapando o palato, Tania, no papel da filha narradora, imaginou uma lágrima escorrendo, grossa, da polpa carnuda do seu coração. Amanda e Vitória devem ter sido tocadas pela emoção do momento, pois em seguida se retiraram de volta para as coxias. Nessa hora, de acordo com nosso roteiro, Buda precisava ir junto, mas ele resistia, não queria sair de cena. Só saiu mesmo quando foi atraído por um petisco. Enfim, no quarto, novamente silêncio. “Onde estou? Quem é você?”, perguntava a mãe à Rosa Maria. Ainda enredadas por aquela lufada de ilusão, perturbadas pelo redemoinho do amor, perceberam que o sol voltava ao mundo. Juntaram-se então às meninas e ao Buda na coxia, e ficaram a contemplar o amálgama daquele amanhecer.

TRÊS

Não sei explicar como certas coisas se cravam na gente mesmo sem terem tocado nossa pele. Eu não pude estar lá e disso eu tenho certeza. Mas quando fecho os olhos, juro que sinto o chão frio do quarto da casa de Carla sob meus pés, da colcha amassada, o cheiro adocicado de bala de mel escondida em gaveta de madeira antiga, os sussurros da madrugada antes da cena começar.

Na madrugada que antecedeu nosso encontro, meu corpo cedeu. Enquanto elas alinhavam ideias, testavam ângulos de câmera, decidiam quem entraria por qual porta, eu estava num leito de hospital, observando a luz do soro pingar como uma espécie de relógio.

Mas, de alguma forma que só a imaginação e o afeto explicam, minha alma atravessou a ponte Rio-Niterói e se alojou em algum canto do escritório que virou uma espécie de coxia. Como afirma Paul Ricoeur, a memória é esse lugar em que o passado, mesmo ausente, “está presente na imagem como signo da sua ausência” (Ricoeur, 2003: 5). Estar lá sem estar, lembrar sem viver.

Assisti tudo de um lugar que não tem nome. Vi Carla, hesitante, ser convencida a se tornar a mãe dessa figura tão funda, tão silenciosa, como se ela sempre tivesse sido a única escolha possível. Ouvi as vozes trocando ideias, senti

o calor do corpo acordando antes do sol, e me emocionei quando Tânia escondeu, com um gesto terno e decidido, as balas na gaveta – como quem sabe que infância se guarda assim: em espaços pequenos, secretos, doces.

Lembro do cachorro, claro que lembro. Buda. Deu trabalho, eu sei, mesmo sem ter visto, mas lambeu o rosto de Carla (imagino que não só o dela) com uma precisão que só o amor entende. Um pouco de mel na bochecha, uma promessa silenciosa de que tudo daria certo.

A ação começou. Amanda e Vitória, pequenas tempestades sonolentas de pijama, entraram no quarto como se estivessem entrando em um tempo que não é este. Pularam na cama. Beijaram rostos. Riram sem precisar de motivo. Fizeram trancinhas uma na outra como se os dedos soubessem algo que o resto do corpo esqueceu.

E eu, deitada de manhã já na cama, via tudo com nitidez de sonho: o tom pastel da luz entrando pela janela, a voz de Tânia dizendo “chispem daqui”, o desobedecer doce de quem ainda não entende a gravidade dos comandos.

Quando Carla disse “onde estou, quem é você?”, foi como se dissesse para mim. E eu chorei. Não pela dor, não pela ausência, mas por ter vivido algo que não vivi. Por ter sentido um amanhecer que não vi nascer, mas que me pertence. Como é possível que uma lembrança que não é minha doa tão fundo? Essa sensação é justamente o que Ricoeur nomeia como um dos enigmas da memória: o reconhecimento de algo que “tendo estado”, aparece como

verdadeira presença. Mesmo que a experiência não tenha sido vivida diretamente, ela “se dá como signo de qualquer coisa diferente, realmente ausente, mas que consideramos como tendo existido no passado” (Ricoeur, 2003: 6).

Como pode a ausência ocupar um espaço tão inteiro no peito? Alguma parte de mim esteve ali – não sei qual. Talvez o que chamamos de “presença” precise ser repensado. Ricoeur propõe que, ao nos apropriarmos da memória do outro, sobretudo quando essa memória nos afeta profundamente, entramos numa zona onde a recepção se torna também criação de sentido (Ricoeur, 2003: 8).

Sim, o corpo não estava. Mas os olhos da alma estavam escancarados. Eu vi tudo: o sol se misturando ao suor, a câmera tremendo na mão de quem filma com o coração, a respiração contida na hora exata, a bala de mel derretendo devagar no céu da boca de Tânia. Não estive. Mas estive. E, às vezes, acho que por não ter estado, estive ainda mais. Porque na ausência há espaço para a memória se inventar, para o afeto construir seus próprios rastros, como as “impressões” que Ricoeur descreve – rastros psíquicos que existem mesmo sem a materialidade do vivido (Ricoeur, 2003: 7). Narrar tudo isso é talvez a única maneira de suportar essa ausência.

QUATRO

No segundo amanhecer do projeto “Fazedoras de Amanhecer”, a performance materializou-se através do conto “Fragmentos”, de Taylane Cruz, que nos convidou a acessar, com o corpo e a memória, o que há de mais sutil, doloroso e poético na experiência humana: a fragilidade da lembrança e o espectro do esquecimento. Com base na obra “Performance da Memória”, de Beth Lopes, e a partir da minha experiência pessoal na vivência com a minha avó acometida pelo Alzheimer, este texto propõe uma costura reflexiva que articula corpo, memória, subjetividade e esquecimento como eixos de uma prática artística potente e transformadora.

O conto de Taylane Cruz apresenta-se como um mosaico de lembranças reais, inventadas e desejadas, em que a memória da personagem idosa se fragmenta entre o vivido e o imaginado. A narrativa funde tempos e afetos, mobilizando o que Beth Lopes chama de “matriz de si”: o corpo como espaço de inscrição dos afetos e dos rastros emocionais. A autora constrói uma narrativa sensível, em que uma mãe idosa, tomada pelo esquecimento e pela confusão entre realidade e memória, revisita cenas de sua vida a partir de pequenos gatilhos afetivos como a presença das filhas, do cachorro Buda, das balinhas de mel e das

fotografias dispostas na mesa de cabeceira.

Esse conto exige do performer não apenas a reprodução de ações, mas a escavação de suas próprias memórias. O corpo torna-se então linguagem, meio de comunicação entre o presente da cena e o passado incorporado, funcionando como um arquivo vivo no qual se inscrevem os traços da experiência pessoal e coletiva.

Nós, “Fazedoras de Amanhecer”, preparamos cuidadosamente um cenário íntimo e sensível: cama, fotos antigas, balas de mel, elásticos coloridos. Cada detalhe remete ao texto e a um tempo passado, quase ritualístico. Ao trazer à cena esses elementos sensoriais, o conto evidencia como a memória é capaz de resgatar experiências, mesmo quando a consciência lógica já não mais dá conta de organizá-las. O texto sugere, assim, que a memória afetiva, aquela presente no corpo, nos cheiros, nos objetos e nos rituais persiste, apesar da fragilidade da mente.

A encenação envolve todas nós como coautoras da memória. Assim, revivi as memórias de minha avó, diagnosticada com Alzheimer, percebendo que a confusão entre o real e o sonhado, no conto, é também traço típico da doença.

Relatei às outras participantes que minha avó “ia à praia” sem sair do quarto e assim compreendi que as imagens evocadas no conto não são meras ficções, mas memórias reais, revividas com intensidade. Isso ressignifica o próprio conceito de performance, que se torna não

só encenação, mas também um gesto de elaboração simbólica da memória e da finitude.

O Alzheimer é uma doença neurodegenerativa progressiva, que compromete as funções cognitivas, sobretudo a memória, afetando diretamente a construção da identidade e a percepção da realidade.

Entre os sintomas mais recorrentes estão a perda da memória episódica (aquela que guarda os relatos pessoais de vida) e a confusão entre o presente, o passado e a imaginação. Estudos em neurociência apontam que as lembranças mais antigas tendem a permanecer por mais tempo, enquanto as recentes se desvanecem com maior rapidez.

Por isso, não é incomum que pessoas com Alzheimer relatem que fizeram coisas que, na verdade, fazem parte de suas memórias afetivas, como ocorreu com a minha avó que, embora fisicamente impossibilitada, acreditava ter ido à praia, cozinhado para mim, ou quando confundia a televisão com realidade.

Neste contexto, a arte e a performance surgem como estratégias que não curam, mas que oferecem suporte à dignidade, à subjetividade e ao acolhimento. A encenação do conto “Fragmentos” assume, assim, um papel quase terapêutico: ao reconstruir a memória da mãe ou o que dela restou, ela se torna também um ato de cuidado, de amor e de escuta sensível. O conto não menciona o Alzheimer, mas a partir da minha experiência pessoal surgiu este desdobramento.

Como defende Beth Lopes, o corpo do performer é lugar de trânsito entre tempos, discursos e afetos. Ele carrega os vestígios do vivido e do sonhado, fazendo da performance uma linguagem que oscila entre presença e ausência.

Segundo Lopes (2010, p. 137), “o corpo é o espaço da memória do performer, o lugar onde os sentidos se constituem perante o público”. A memória, portanto, não se apresenta como um arquivo estático, mas como uma construção dinâmica, permeada por esquecimentos, distorções, reinvenções e ressignificações.

Através de uma linguagem não racional, os corpos ressoam as vozes, os cheiros, as texturas e as imagens que a cena convoca. Nesse sentido, lembrar não é representar fielmente o que aconteceu, mas recriar, imaginar e afetar-se, exatamente como acontece com o paciente de Alzheimer: a memória não se perde por completo, ela se transforma em outra forma de presença, de existência, de narrativa.

A performance de “Fragmentos” mostra-se uma potente “performance da memória”, como propõe Beth Lopes, pois permite que o passado continue a existir através do corpo, mesmo na ausência física ou na perda cognitiva.

A relação entre arte e Alzheimer, aqui, não é de diagnóstico ou de cura, mas de resistência afetiva. A intersecção entre a memória poética da cena e a memória afetiva impactada pelo Alzheimer demonstra que, mesmo quando a mente falha, o corpo continua sendo território de resistência, onde gestos, cheiros, objetos e rituais mantêm viva a

presença daqueles que amamos. Desta forma, a minha avó permanece viva nas lembranças doces da infância.

Assim, a performance da memória não se limita a uma representação estética, mas se configura como uma prática de cuidado, de elaboração do luto e de celebração da vida que permanece, apesar das ausências. A arte, nesse contexto, atua como um elo entre o que se foi e o que ainda vibra na cena, no gesto, na bala de mel, no latido do cachorro. Fragmentos que, reunidos, nos ajudam a não esquecer aquilo que realmente importa: o amor que molda a memória.



O LIVRO DAS ALMAS

Carla Miguelote

Conheceram-se pelo Soulbook, um aplicativo de relacionamentos bem alternativo e só conhecido por iniciados. O nome era uma referência ao Facebook. Em vez de um livro de rostos, o Soulbook era um livro de almas. Enquanto todos os outros aplicativos de relacionamento tinham como principal atrativo a aparência dos usuários, divulgada em suas melhores fotos, o Soulbook não permitia o uso de imagens. Pretendia proporcionar encontros de almas, que se conheceriam por meio exclusivo dos textos trocados. Para evitar que as pessoas descobrissem as aparências umas das outras através de outras redes sociais, o aplicativo atribuía pseudônimos a cada um de seus usuários, solicitando sua exclusividade no uso da plataforma.

O match se deu curiosamente entre duas Sandálias Douradas da Aurora. O que despertou a atenção de ambas foi justamente a coincidência dos pseudônimos. Então o aplicativo podia dar o mesmo nome a mais de uma pessoa? Será que a coincidência do nome anunciava outros tipos de coincidência? O nome atribuído pelo aplicativo era gerado aleatoriamente ou dependia de uma espécie de leitura de personalidade feita por inteligência artificial? Essas eram algumas das perguntas que as Sandálias Douradas da Aurora se faziam. Na primeira interação, entretanto, perceberam que tinham mais algumas afinidades. A primeira delas era que ambas tinham ao menos um pouco de conhecimento

de literatura grega; o suficiente para entenderem que seus pseudônimos atribuídos eram, não a alusão a um calçado da última moda, mas uma das possíveis traduções para um verso em que Safo de Lesbos descrevia a chegada do amanhecer.

A partir daí, não foi difícil descobrir que ambas sentiam uma irresistível atração pelo nascer do sol. O amanhecer era a hora preferida das duas, que acordavam sempre muito cedo e ficavam esperando a luz surgir alaranjada no céu. Sempre que podiam, iam para algum lugar onde conseguiam ver o sol despontando no horizonte. Elas achavam que isso lhes fazia tão bem que queriam contagiar o mundo todo com sua mania. Achavam que, se toda a humanidade tivesse o costume de acordar cedo para ver o momento em que a luz do sol desponta no céu, as pessoas seriam mais felizes, o amor reinaria entre os seres e o mundo seria um mundo de paz.

Era uma visão romântica, elas sabiam. Mas não se importavam. Buscar um encontro de almas e não um encontro de corpos transformados em imagens também soava romântico. Depois de constatarem tão completa afinidade, elas não tiveram dúvida de que precisavam se encontrar presencialmente. A primeira coisa que decidiram foi a hora: um pouco antes do nascer do sol. Uma vez acertado que se encontrariam às cinco da manhã, os outros dados do encontro foram se dando mais ou menos aleatoriamente, de acordo com o que convinha a ambas, em termos de disponibili-

dade dos dias e facilidade de deslocamento. Acabou ficando marcado que se encontrariam no sábado de pré-carnaval na Praia Vermelha, na Urca.

A proximidade fortuita do carnaval lhes gerou, entretanto, uma ideia curiosa, que parecia combinar com a proposta do aplicativo pelo qual conversavam. Como haviam se conhecido através de um livro de almas, e não de rostos, decidiram que, pelo menos no primeiro encontro presencial, não revelariam ainda, de todo, suas aparências físicas. Elas iriam ao local marcado usando fantasias carnavalescas. Imaginaram que não haveria mais ninguém na praia tão cedo, sobretudo de fantasia, mas, para ter certeza de que se reconheceriam, caso lá encontrassem foliões tão matutinos quanto elas, combinaram que as duas usariam ao menos um adereço dourado.

Quando Sandália Dourada da Aurora chegou, logo avistou na beira da água uma pessoa fantasiada. Aproximou-se um pouco e constatou: ela não era a primeira, mas a segunda Sandália Dourada da Aurora a chegar. A primeira tinha um adereço dourado na cabeça. A segunda usava uma máscara amarelo ouro. Assim que se cumprimentaram, entretanto, ouviram um grito vindo da calçada. Era outra pessoa fantasiada com um detalhe dourado, e que gritava: Eu sou Sandália Dourada da Aurora, quem de vocês também é Sandália Dourada da Aurora? Curiosamente, as duas responderam: sou eu. As três se entreolharam com espanto.

Então somos três Sandálias Douradas da Aurora,

uma delas disse, rindo. Na verdade, quatro, exclamou mais uma pessoa fantasiada de dourado que se aproximava, caminhando pela areia.

Alguma coisa estranha estava acontecendo. Ora, ora. Enquanto conversavam, intrigadas, a respeito daquela inexplicável multiplicação de Sandálias Douradas da Aurora, chegou correndo, com um golden retriever na coleira, uma mulher fantasiada que usava nos pés justamente um par de sandálias douradas. Desculpa, estou atrasada, ela disse, olhando alternadamente para as quatro pessoas ali presentes e sem saber a qual delas dirigir seu pedido de desculpas. Não tem problemas, repetiram todas, já está tudo bem divertido por aqui. Eu vim com meu cachorro, o nome dele é Sol, disse a última Sandália Dourada da Aurora. Sol era dourado como o nome da sua raça, que em português significa “recuperador dourado”. A nova Sandália Dourada da Aurora sorria para todas as outras quatro e pensava que encontrar um grupo em vez de uma pessoa só era o mais bonito que podia lhe acontecer. Um grupo devoto do nascer do sol. Vamos juntas recuperar o amor pelo amanhecer!

Como a hora se aproximava, elas esticaram cangas e toalhas e se sentaram. Em silêncio, admiraram o nascer do sol. Depois, ainda em silêncio, maravilhadas e felizes, mergulharam no mar. E foi só no momento de se secar que voltaram, enfim, a conversar. Para facilitar a conversa, evitando o equívoco de repetirem a todo tempo o mesmo vocativo, apresentaram-se com seus nomes verdadeiros: Tania,

Júlia, Vitória, Amanda, Carla. Queriam porque queriam decifrar o mistério que se apresentava naquele encontro de cinco Sandálias Douradas da Aurora.

Tania lançou a hipótese maluca de que aquele encontro havia sido arquitetado por uma escritora, da qual eram todas as cinco personagens. Todo mundo riu até não poder mais daquela ideia. Quando as gargalhadas cessaram, Vitória levantou uma hipótese mais plausível: o encontro tinha sido arquitetado por todo o restante do grupo, que já se conhecia e queria incluir um novo membro ao clã: ela, a única novata. Mas todas juraram que não se conheciam até então. Foi então a vez de Júlia propor uma explicação. Depois de confirmar que todas estavam inscritas no mesmo aplicativo, disse: “Gente, então é óbvio: quem arquitetou o nosso encontro foi o Livro das Almas, a inteligência artificial, os algoritmos. Esse devia ser um plano já traçado desde o momento da atribuição do mesmo pseudônimo a nós cinco”. Será? Entreolharam-se incrédulas. Amanda discordava. Achava que aquilo tudo era um sonho, um belíssimo e interessantíssimo sonho. Pedia que a beliscassem. Tinha a certeza de que ia acordar em breve. Mas Carla, depois de muito raciocinar, com a certeza de que estava acordadíssima, conjecturou: o encontro deve ter sido arquitetado por Sol. Há tempos desconfiava que os cachorros eram dotados não apenas de uma inteligência superior, mas de um bem-querer sem tamanho. Quem sabe eles eram extraterrestres infiltrados entre nós, com a missão de nos fazer mais feli-

zes?, indagava. Aquela explicação era muito fofa, mas parecia a mais delirante de todas.

Afinal, depois de muito debaterem, as cinco concordaram que aquilo tudo devia ser fruto de uma grandíssima e feliz coincidência. E elas amavam as coincidências. Num tempo eterno e num espaço infinito, mesmo o que tem poucas chances de acontecer acaba acontecendo pelo menos uma vez, e essa vez, improvabilíssima, está acontecendo agora. Essa foi a conclusão filosófica a que coletivamente chegaram. Já Sol se intrigava com a necessidade que os seres humanos tinham de encontrar uma explicação para tudo. Não podemos estar felizes, simplesmente?, perguntava-se. Quando o sol já estava mais alto no céu, finalmente um petisco voou no meio da roda. Sol o abocanhou, oba! Que importa saber quem o tinha lançado ao ar?

A história podia acabar ali. Mas o mais inesperado ainda estava por vir. Quando as cinco caminhavam pela areia, preparando-se para sair da praia, começaram a ouvir uma cantoria, acompanhada de batuques. Ao pisarem na calçada, perceberam que vinha se aproximando, pela rua, um bloco de carnaval. Todas coçaram os olhos quando puderam então ler o que estava escrito no estandarte que dava nome ao bloco: Sandálias Douradas da Aurora. Aquilo era o improvável do improvável. Mas coçar os olhos deixou de ser uma atitude razoável quando perceberam que todos, absolutamente todos os integrantes do bloco tinham, pelo menos, um detalhe dourado em suas fantasias

RELATOS

Livro das Almas

UM

Quando ela me acordou muito cedo, de início, eu não estava com muita vontade de levantar. Mas como foram mencionados “café da manhã” e “praia”, logo me animei.

Chegamos até uma praia que fica perto do lugar onde trabalho como professor, chama Praia Vermelha. O mar é azul e a areia branca, logo não vejo sentido no nome, mas isso não importa aqui.

Fui informado de que eu teria um papel muito importante: eu representaria um cachorro chamado “Sol”, um Golden. Fiquei feliz de ser um Golden, porque cachorros menores por vezes ficam latindo à toa e correndo pra lá e pra cá, são personagens mais difíceis de serem interpretados. Sol chegaria correndo, participaria de algumas conversas, teria um momento importante de atuação reflexiva e depois apanharia um petisco no ar.

Sou performer, então trabalho mais com ações diretas, mas também gosto de interpretar personagens, principalmente quando são parecidos comigo – a semelhança facilita porque não preciso trabalhar tantos métodos de atuação e fico mais próximo da minha própria essência.

O grande momento de destaque na minha atuação, foi a parte do conto que dizia que eu tinha que parecer intrigado, me questionando sobre o porquê de os humanos pensarem tanto e não se contentarem de simplesmente viver.

Cito o conto:

Já Sol se intrigava com a necessidade que os seres humanos tinham de encontrar uma explicação para tudo. Não podemos estar felizes, simplesmente?, perguntava-se. Quando o sol já estava mais alto no céu, finalmente um petisco voou no meio da roda. Sol o abocanhou, oba! Que importa saber quem o tinha lançado ao ar?” (Miguelote, 2025, p. 3).

Foi difícil e desafiante parecer reflexivo, pois havia muitas distrações: o mar, o próprio pacote de petiscos, algumas bolas usadas por crianças e também adultos, mas o sol amanhecendo ajudou, dei uma focada nessa grande bolinha dourada e consegui. Disseram que atuei de forma muito convincente e também acertei o petisco logo na primeira vez.

O conto está certo, não precisamos pensar tanto sobre tudo. Afinal, não importa de onde vem o petisco. Importa para onde ele vai.

DOIS

Esse conto foi especial para nós porque foi uma Fazedora de Amanhecer quem o escreveu! Com ele, matariamos a vontade de realizar algo que, desde o início do projeto, todas queríamos: contemplar a natureza durante o nascer do sol. Além disso, todas tínhamos o desejo de um conto de carnaval, em que pudéssemos nos fantasiar. Então, uma narrativa que terminava com o desfile de um bloco carnavalesco foi muito bem recebida pela equipe.

Logo percebemos, entretanto, que o principal desafio para viver “O livro das almas” seria justamente este: produzir um bloco de carnaval. Como conseguiríamos os músicos, os instrumentos e um número grande de pessoas animadas e dispostas a colaborar para a nossa performance, fantasiando-se de dourado antes das seis da manhã?

Como o conto seria vivido na Praia Vermelha, que fica perto da Unirio, imaginamos criar um bloco de carnaval com alunos da universidade. Tantas universidades têm seus blocos... Essa seria uma oportunidade para criarmos algo grande, que serviria não apenas ao nosso projeto, mas deixaria um legado para toda a comunidade acadêmica! Carla, autora do conto e boa leonina, ficou muito entusiasmada com a ideia. Mas o período de férias não conspirou a nosso favor. Não conseguimos angariar muitos voluntários, e desistimos do plano mirabolante. Decidimos optar

por algo mais fácil: encontrar um bloco que já estivesse programado para desfilar naquele dia de manhã no Rio de Janeiro. Escolhemos o Cordão do Boitató, que tinha concentração marcada para as 8h no centro da cidade. Tania e Amanda prepararam um lindo estandarte onde se lia “Sandálias Douradas da Aurora”. Com ele, nos infiltraríamos no meio da multidão do Boitató, em busca de outras pessoas fantasiadas de dourado.

Nessa performance, para que tudo corresse como planejado, a ajuda de algumas pessoas de fora da equipe foi fundamental. Claudia, André e Heitor, companheiros de Carla, Tania e Vitória, respectivamente, entraram no jogo e se dispuseram a acordar antes das 5h da manhã para viver conosco nosso amanhecer carnavalesco. Tania estava recém-operada, então não podia dirigir por longas distâncias e nem fazer muito esforço, então André ajudou com a carona. Claudia topou ir ao nosso encontro na praia, fantasiada de dourado e carregando nosso estandarte. Além disso, foi nossa fotógrafa oficial. Heitor acompanhou a Claudia em sua chegada com o estandarte, representando o bloco que chega ao final do conto.

Além desses três colaboradores humanos, contamos ainda com Chico, irmão de Buda e cachorro de suporte emocional de André. Foi uma linda coincidência o Chico estar presente justamente na vivência de um conto em que ocorre uma multiplicação de pessoas. Era como se Buda também tivesse se multiplicado, pois tínhamos agora dois

Golden Retrievers com a gente. Brincamos que Chico seria o dublê de Buda se necessário. É que Buda fica muito excitado quando está na praia e talvez tivesse dificuldade de se concentrar para contemplar tranquilamente o nascer sol.

Nos encontramos às 5h20 na Praia Vermelha. Todas estávamos com roupas carnavalescas e pelo menos um acessório dourado. Infelizmente não conseguimos que fossem exatamente os mesmos acessórios que cada personagem usa no conto. Amanda usou um tênis dourado em vez de sandálias douradas; Tania, um arco com raios de sol na cabeça; Carla, um body; Júlia, uma bolsa; e Vitória, uma saia.

Tania e Carla deram início ao primeiro encontro presencial das Sandálias Douradas da Aurora. Cumprimentaram-se e conversaram até ouvirem o grito de Júlia: sou Sandália Dourada da Aurora! Depois, Vitória chegou caminhando pela areia. E logo Amanda apareceu correndo com Buda (nesse caso, Sol), eufórico por estar na praia.

Contemplamos a alvorada e agradecemos aquela coincidência planejada. Como é bom às vezes só parar e olhar o mar, o sol. O amanhecer daquele dia foi lindo, alaranjado e sem nuvens.

Mergulhamos juntas e nos espalhamos pela água, que estava com uma temperatura perfeita.

Depois, começamos a tentar decifrar o mistério que se apresentava naquele encontro das cinco Sandálias Douradas da Aurora. As hipóteses para a explicação do enigma

foram sendo lançadas por cada uma das personagens, e nós ríamos não mais porque o conto mandava, mas porque estávamos felizes e porque a improvisação de nossas falas soava mais divertida que a intenção do texto original.

Enfim, Claudia e Heitor chegaram com o nosso estandarte. Fizemos o nosso minibloco na praia e depois nos dirigimos ao centro do Rio, para nos juntarmos à multidão do Boitató. Júlia, Carla, Claudia e Amanda se misturaram aos foliões, carregando nosso estandarte dourado e azul pelas ruas. Mas o mais impressionante ainda estava por vir. Ficamos surpresas e maravilhadas quando avistamos a ala mais imponente do bloco, um grupo de mulheres, todas de perna de pau, e todas... de dourado!

TRÊS

Sempre acreditei que algumas manhãs guardam segredos. Não aqueles que se escondem por timidez, mas os que exigem da gente disposição sensível para escutar com o corpo inteiro.

A manhã em que nos encontramos foi desse jeito, não planejada, mas tecida como um tecido ritual, em que o acaso era apenas a superfície de uma costura mais profunda. Nosso nome em comum, Sandália Dourada da Aurora, parecia uma ironia do sistema, mas revelou-se um gesto de convocação, como se a máquina tivesse compreendido algo que a lógica não alcança.

Combinamos nosso encontro na Praia Vermelha, antes do sol nascer, com trajes de fantasia, mas que tivessem algum detalhe dourado como código secreto. A cena era ao mesmo tempo banal e mítica: seis figuras performáticas, reluzentes, silhuetas bordadas por luz e sal. Um Golden Retriever que foi chamado de Sol fechou lindamente nossa composição.

Mas talvez nada ali fosse exagero. Como diz Rosendo Rodrigues, a ecoperformance emerge quando o corpo em estado de escuta se funde ao ambiente, “não para representá-lo, mas para vibrar com ele”. “É na relação entre corpo, matéria e ambiente que se instaura a performance

ecológica: um acontecimento onde tudo participa e pulsa.”
– Rossendo Rodrigues, “O Corpo na Ecomperformance”.

A praia virou nosso palco efêmero, mas não tínhamos uma cena pronta, tínhamos apenas presença, partilha e vontade de pular um bloco de carnaval. O corpo coletivo se formava ali, não por um ensaio, mas por consonância sensível. A areia, o mar, o céu em transformação e tudo virou dramaturgia. E nós, intérpretes sem papel fixo, atuávamos por afeto e pelo calor do carnaval.

No silêncio do amanhecer, entendi que a cena não seria para assistir, mas ser sentida, assim como uma celebração ou um rito popular. Me veio então Renato Cohen em seu “Performance como Linguagem”, lembrando que toda ação performática real tem a potência de colapsar fronteiras entre arte, vida e política. Estávamos ali por escolha, mas também por desejo de algo que nem sabíamos nomear.

Mais tarde, ao nos depararmos com um pequeno bloco carnavalesco que também se chamava Sandálias Douradas da Aurora, senti que a cidade nos devolvia o gesto como uma espécie de eco. Aquela manifestação espontânea me fez pensar no que Suely Rolnik chama de micropolítica do desejo: quando forças de criação atravessam os corpos e os espaços, fazendo emergir uma estética de existência em comum. “O corpo capta as forças do mundo antes que elas tomem forma. Criar é então dar passagem a essas forças”. – Suely Rolnik, em “Micropolítica. Cartografias do desejo”.

A festa, nesse sentido, foi mais do que um desdobramento da manhã, ela foi uma continuação em outra frequência. Fomos depois para o bloco do Boi Tolo, e lá a multidão era um corpo expandido. Cada folião, uma partitura viva. Na batida do samba, na espuma da Skol Beats, na batucada improvisada, havia ali uma performance em estado bruto.

André Lepecki diria que a dança contemporânea se dá mais na vibração do encontro do que no passo formal e talvez o carnaval seja o maior palco de dança viva e resistente do nosso tempo. Ver Tarcísio Motta sambando no meio do povo como qualquer outro foi o momento mais performático do dia. Não por ser inusitado, mas por condensar o que Didi-Huberman chama de imagem-limiar: um instante em que o simbólico e o cotidiano se sobrepõem, fazendo o real vibrar. A festa é onde o corpo se torna gesto político e poético. A performance em festa, essa que não tem palco nem roteiro, ensina a gente o valor da entrega, da coletividade, do desejo em movimento.

E naquele dia, entre o silêncio do amanhecer e a explosão do bloco, aprendi que a arte não está no que se mostra, mas no que transborda. O que não se explica, mas se vive. O que não se guarda, mas se compartilha. É isso que essa Investigação Cênica me oferece: a possibilidade de estar dentro e fora ao mesmo tempo. E de entender que, muitas vezes, a performance mais verdadeira acontece quando deixamos de controlar e apenas dançamos com o mundo.

QUATRO

Como sugere Carla Miguelote em “Porque ninguém pediu”, a escrita performativa é, antes de tudo, uma invenção de protocolos de experiência. Em “O Livro das Almas”, o ponto de partida é um aplicativo fictício, o Soulbook, que conecta pessoas por afinidades de alma. A escrita já se constituiu como proposta de ação: um encontro carnavalesco ao amanhecer, marcado por coincidências misteriosas apreciando o amanhecer e finalizando com um mergulho coletivo no mar.

A performance, por sua vez, não apenas reproduz a narrativa: ela a reencena, expande e transforma em presença sensível. Nós evidenciamos a necessidade de articular a ficção com a logística, mas também com o acaso, o imprevisto e a colaboração coletiva. Criar um bloco carnavalesco de fato se revelou utópico, mas criar o afeto e a alegria de um bloco simbólico foi plenamente possível.

Suely Rolnik, em “Furor de Arquivo”, questiona a compulsão contemporânea por registrar e arquivar experiências artísticas. Mais do que preservar objetos, o desafio é ativar, no presente, a potência poético-política dessas práticas.

A performance de “O Livro das Almas” opera nesse mesmo registro: ela cria um arquivo vivo, afetivo e coletivo.

vo, que não se reduz à documentação, mas insiste em produzir memória encarnada.

Cada adereço dourado, cada personagem, cada presença humana e canina compõem uma cartografia do sensível. Não se trata de fixar, mas de espalhar vestígios de uma experiência que resiste à captura e à neutralização. Como no caso de Buda, representando o cachorro Sol, o jogo entre ficção e ação se concretiza como gesto poético que resiste ao apagamento.

Em “Porque eu pedi: uma viagem queer à ilha do Pico”, Miguelote assume uma postura autoficcional que dialoga diretamente com o espírito de “O Livro das Almas”. Ambas as experiências se estruturam como jogos entre realidade e invenção, entre desejo e autorização institucional.

A experiência do amanhecer nos transporta para uma manhã mágica em que a ficção se concretiza em presença, bloco, fantasia e riso. Assim como Sophie Calle, referida no artigo de Miguelote, nós nos tornamos personagens de uma narrativa viva, articulando com nossos próprios desejos, fantasias e dispositivos de investigação.

A experiência queer aqui se manifesta na fluidez dos papéis, na multiplicidade dos encontros e na recusa de uma lógica linear e normativa da identidade. O bloco “Sandálias Douradas da Aurora” não é apenas ficcional, é o símbolo de um território possível de reinvenção do eu, do outro e do coletivo.

A performance do conto de Carla Miguelote é também um exercício do que Suely Rolnik chama de furor de arquivo, mas de um arquivo que não se limita a armazenar, ele circula nos corpos, nos relatos, nos gestos improvisados.

A minha experiência com este amanhecer foi entre cansaço físico e entrega emocional. O que se arquiva aqui não é o corpo como documento, mas o corpo como testemunho.

O relato de Buda (o Golden Retriever performando Sol) é outro exemplo potente, ele encarna com humor e filosofia uma das passagens mais poéticas do conto, ao questionar por que os humanos pensam tanto e não apenas vivem. O petisco que voa no ar e é abocanhado torna-se, então, metáfora da experiência vivida, que importa menos por sua origem e mais por sua capacidade de nos afetar.

“O Livro das Almas” não é apenas um conto performado, é um ritual coletivo de invenção e memória. Ele convoca o que Carla Miguelote chama de protocolos de experiência, dispositivos que nos autorizam a viver poeticamente.

A performance carnavalesca ao amanhecer ativa memórias, reinscreve corpos e produz uma autobiografia coletiva, híbrida e sensível. Ela é arquivo e presença, ficção e realidade, desejo e política. E, como bem lembra Suely Rolnik, é nessa ativação sensível que reside a potência transformadora da arte, não em representar o mundo, mas em nos fazer sentir sua vibração.



A SOMBRA DO AMANHECER

Ana Kiffer

eu sou alguém, sou esse que chamava,
que gritava em meio a essa luz branca

Marguerite Duras
Les mains négatives

Estavam deitados na areia, à beira-mar. O sol mal-nascido deixava entrever cinco corpos estendidos. Ao lado, quase que de forma esdrúxula, um cachorro velava sobre eles. Suas quatro patas obrigando-o a se ajoelhar, mesmo quando parecia só querer ficar sentado, ou melhor: deitado, como estavam os seus companheiros. Já ele, meio palmo de língua pra fora, e nenhum oceano para matar a sua sede. O sal já lhe rachara a língua. Sequer falava como antes. Abatido pela perda dos amigos, talvez. Sem testemunhas, a não ser o cão sem nome e de língua rachada, fica difícil contar uma história.

O que o trouxe ali? Teria sido ele o único sobrevivente?

Os corpos (0): o meu tremia, passou um tempo até que pudesse me aproximar dos outros. Ainda mais custoso foi começar a ler os signos de cada deles, ali jogados. Comecei observando os detalhes: uma, ou outra posição, com a palma da mão virada, ou não, com uma perna flexionada ou reta, olhos fechados, ou abertos, roupa rasgada, qual roupa, a cor, a da tez, e a do tempo do corpo morto,

os lábios roxos, ou ainda rosáceos, cada filigrana do corpo tinha que falar. E eu, deixar de tremer para ouvir. Ouvir uma história que até ali desconhecia.

Me tornei o cão farejador, já que o cão mesmo velava, algo que eu já não sabia mais como fazer. Cansada dos anos que vivi ao lado dos mortos.

Chegaria a entender aquela cena, aterrorizante, e ao mesmo tempo tão bizarra? Eu, uma mera caminhadora matinal, madrugadora inveterada, sendo convocada pelo destino a retornar ao mundo dos mortos. À lida diária com os cadáveres, dos quais já havia me despedido fazia tanto tempo. Só podia ser uma brincadeira, me tornar de novo o que sempre evitei ser: alguém que julga legislar sobre o corpo do outro. Sobre quem não fala de si mesmo. Sobre quem não tem fala. O cão ou o homem-cão. Sobre o inerte ou o mudo. Falava comigo mesma, possivelmente em voz alta, tentando ver se alguém acordaria, ou se, quem sabe, aquele cão me ouvia.

Os corpos (1): de braços abertos, seu corpo perfeito desenhava na areia O Homem Vitruviano. Me espantava como a arte do desenho permanece mesmo na morte, e como a areia, essa tela transitória do rastro humano, conferia, por fim, a estatura que merecemos: a que passa, e nos desfaz de nós mesmos, seres transitórios que somos. Estava ele ali parado, já morto, mas como se tivesse nadado muito sem alcançar a praia. Parecia ter sido por pouco, e talvez ele tenha visto a densidade da areia em que quase pisava,

rastejando. Talvez por um segundo tenha sentido o cheiro da terra, a poluição dos carros e os ruídos que varavam o fim da noite e cediam lugar aos corpos diurnos do trabalho, aos transeuntes em ônibus abarrotados, correndo esbaforidos, quase como ele, para não serem demitidos pelos seus patrões na chegada a mais um dia de labuta, sem descanso.

Aqueles corpos chegavam à praia mais cara da cidade, mas não sei se tiveram tempo para olhar os prédios nem as montanhas, talvez por um segundo, antes do desfecho final. Repetia como forma de esperar e desfazer o horror que via diante dos olhos. Também queria ver o invisível dessa cidade, cujas maravilhas entardeciam cada vez mais rápido, como cai o sol no horizonte, numa velocidade incalculável.

Os corpos (2): o segundo, mais franzino, era de uma mulher, e sobre ele víamos marcas de violências passadas. Hematomas, cicatrizes, arranhões, alguns recentes. Talvez tenha sido ela quem guerreou para trazê-los até aqui. Quem enfrentou os homens do mar. Os comandantes dos barcos, os algozes do porão. Nenhum documento trazia, mas uma tatuagem escrita sofia, em letra minúscula, provocando-me ainda mais dúvidas. Por ser em minúscula, faltaria algo à palavra? E, nesse caso, sofia não seria mais um nome próprio, mas talvez filo-sofia? Seria uma filósofa em travessia acidentada pelo mar? Numa expedição? Ou um nome de uma mulher qualquer que não merecia sequer uma letra maiúscula? Quem seria sofia? Guerreira, pros-

tituta, pensadora? Como decodificar um corpo em suas marcas esparsas?

Curioso, porque sofia estava deitada de costas, braços estendidos, como se alguém a tivera puxado, arrastando-a do mar até a areia. Não para salvá-la, mas talvez para que a sua morte fosse ainda perpetrada pelas forças do deserto. O deserto que habitamos desde meninas, quando nossos corpos desconhecem o seu destino, mas já sentem os riscos de sua existência. sofia talvez tivesse sido estuprada. Se fosse filosofia talvez tivesse escrito sobre como é ter um corpo de mulher e ser violada. Afirmando o que nos diz as estatísticas – (vítimas de estupro por hora – e indo ao início de tudo. A origem da violação do corpo da mulher. Eu ali repetia em voz alta, já num tom acima queria berrar para o mundo o tanto de dor que sentia, ao lado dela. Mas ali, diante de mim, sofia era apenas um monte de areia nas suas narinas, na sua boca, no seu esôfago. Um bolo de areia no estômago. Sentia também em meu corpo, por dor, que essas coisas não se explicam. Algo que subia em meu ventre. Parei, fui à beira-mar, vomitei, vomitei, vomitei areia, depois voltei ao corpo de sofia. E como um cão de guarda continuei o meu trabalho.

Na cabeça um parafuso rodava e eu falava cada vez mais alto, mais rápido: por que decidi naquele dia caminhar tão cedo? Por que não fiquei, como sempre faço, protegida, em casa, escrevendo? Qual ideia me abateu de querer correr de novo para o mundo? Se dele já havia me afastado, não

por desgosto, nem ranger dos dentes, nada assim sentia. Por isso, porque já não sentia me afastei do mundo. Para imaginar os detalhes que nos escapam quando decidimos pela vida mundana, ou pelo amor ao outro e às noites infindáveis, às amizades falsamente verdadeiras, enfim tudo o que constitui o *modus operandi* do ser social em cada hora na qual nove mulheres estupradas.

Outro parafuso rodava ao contrário, baixava a voz, me continha, dizia lentamente, em tom grave: por que tanta descrença? Você está deprimida? Essa cidade é linda! Olha a praia! Por que reclama? Sempre exagerando, sem deixar de meter o dedo em todas as feridas.

Nenhum parafuso que roda responde. Só roda. Era como estava, rodando também em volta daqueles corpos. Buscando decifrar, como se faz no recôndito dos divãs, ou nas mesas gélidas do IML.

Os corpos (3 e 4): o *terceir@* e o *quart@* corpos eram jovens, estavam em plena força física, difícil acreditar que morreram nadando no mar. Salvo se estivessem a uma distância imensa, sem embarcação. Ou se tivessem decidido viver no mar. Fugindo de tudo o que a terra exige. Assim, livres, navegando, escapariam às regras, às demarcações. O fato é que estranhamente esses dois corpos estavam de mãos dadas. E ninguém nada de mão dada lutando para chegar à beira-mar. E isso era impossível entender.

Talvez seja tudo mais bonito: face à morte o amor foi tão forte que decidiram se casar, *abençoad@s* por Ye-

monjá aportaram assim, entrelaçad@s na areia. Difícil foi também crer como esses dois corpos morreram junt@s, ao mesmo tempo e da mesma causa: o pulmão tomado pela água. Imaginei que antes de sufocar declaravam os versos de seu amor. Juntei a minha ciência à poesia, e decidi que o lirismo é também uma forma de autópsia.

Os corpos (o último?): E o quinto corpo de quem era? Por que espera para nos dizer?

Porque o último nunca chega, nunca finda, sempre poderá haver outro, perdido ou esquecido. Naquele dia, era ele, o ancião.

Barba branca, cabelos mais alongados, parecia que já vivia ali desde sempre, à beira mar. Talvez para ele existam canções e poemas antigos, feitos tão só para louvar a imagem que permanece: um ancião à beira mar. Um corpo antes guerreiro, sempre e ainda forte, que não teme a morte e ama navegar. Segue o barco! Ouvia a sua música, as suas mãos sobre as grutas esquecidas do passado, o seu jeito calmo e manco, desigual, por ter tomado a areia como chão. Ouvia os seus primeiros gritos, vindos de uma ilha ou caverna. As suas mãos gravadas na parede, azuis e pretas. Azul da água. Preto da noite. Do fundo da caverna ele olhava para o mar. Gritava. Dizia como amou. Trinta mil anos, essas mãos, esse amor, esse grito que ainda ouço, ecoando sem destino. Porque do amor ninguém sabe, até hoje. Nem do desejo, esse desconhecido. Essa palavra inventada, mas sem muito sentido. Quero amar quem ouça

o meu grito, era o que diria o ancião. O seu grito. Como o latido do cão, agora mudo em respeito aos seus mortos. Ou talvez em respeito a algum mestre. Fiel. Sofrendo sem dizer como sentia por ter sobrevivido. Era só assim que o cão podia estar ali: altivo, de pé, mudo como quem grita diante do silêncio de tod@s @s mortos. Eu gritava por ele, pelo ancião, pelo amor. Vou amar aquele que ouvir que grito.

A cena era muda, só ouvíamos mesmo o mar e os ruídos da cidade que amanhecia, diferente. Mas o meu corpo sentia que algo ainda faltava. Ao cão, mas também à cena. Eu não tinha conseguido decifrá-la totalmente. Qual peça se ensaiou naquela praia, no lusco-fusco matinal? Uma peça na qual faltava ainda uma peça. Além do cachorro mudo, algum outro vivo tinha que estar ali. Aqueles corpos não morreram sozinhos, por esforço exclusivo e intrínseco a cada um. Não morreram do, ou no mar. Morreram à beira-mar.

Alguns assassinos teriam conseguido escapar? Ou só eu mesma?

Repetia cada frase sem cabeça, querendo agarrar com a palavra o centro da terra. O bolo de areia no estômago de sofia. Agarrar a filosofia da vida daquela gente ali morta. Agarrar toda a água que ingeriram, meio mar. O sal que rachou a língua-cão. Me fazendo falar assim entredentes. Queria chamar alguém que me respondesse. Que dissesse. Quero te amar. Trinta mil anos gritando face ao mar.

Quero te amar.

Gritava, eu gritava, já tonta, gritava que te amava. Com uma pedra em punho, que desconhecia, mas cuja cor e textura indicavam sua longevidade impossível. Era eu a própria pedra face ao meu amante perdido. Trinta mil anos que gritava face ao mar, o amor, o como te amo, o como vou te amar.

Até hoje me pergunto como tudo isso aconteceu. Teriam eles decidido passar aquela noite na praia? Mas isso não justificaria a água nos pulmões, os cortes e arranhões, a areia nas narinas. Tudo o que pude observar com os meus antigos conhecimentos como médica do IML, desta cidade onde mais se mata do que se morre, não fechava aquela história. E a cena guardava em mim uma mudez antiga, insolúvel, densa.

Ainda assim gostava de pensar que o amanhecer era o ritual que os uniria, e que por isso levavam o cão: como testemunha de cada gesto de amor que os colocou juntos no mesmo tempo e lugar, entrelaçando as suas histórias. Eram fugitivos em estado de amor, convencia-me. Fugiam da guerra, por amor. Enquanto outros permaneciam por amor à guerra. Sabiam que o salto era no vasto. No desconhecido. Que no mar não há fronteira e no lusco-fusco da manhã não se reconhece quem é quem. Contavam com isso e também temiam pelo mesmo motivo.

Continuei escrevendo cada frase que dizia em voz alta na areia, em torno dos corpos, em círculo, expurgando

minha dor e incompreensão do mundo. Dei mil voltas, para que ali estivesse escrito, em círculo, em torno dos corpos. Se alguém me visse diria que estava louca, fazendo algum ritual demoníaco, correndo em círculos e riscando a areia, em torno aos cinco cadáveres.

Já eu, seguia certa de que escrever era garantir o testemunho da história.

Foi quando de repente me ocorreu que poderia ser o contrário, que meu testemunho seria o primeiro a ser liquidado, para que nada nunca se soubesse. E que um assassino me espreitava. Seguro de que as horas que passei ali colocavam em risco a minha própria vida. Um assassino daqueles ainda estaria à espreita, circundando a cena do seu crime. Gozando com ela.

Foi quando um vulto, que parecia, e até hoje parece ser a minha própria sombra me atacou pelas costas. Era uma espécie de monstro, grande e forte. Mas poderia ter sido só um homem. A minha própria sombra humana. Lutamos. Me tornei por fim a guerreira que sempre quis ser. Deixei a legista e a escritora. Tudo o que era enfadonho, custoso, trabalhoso cheio de detalhes sutis, sem imagem, feitos do rastro das coisas. Deixei o rastro para me tornar uma justiceira. Uma assassina. Lutei com uma sombra pela vida dos cinco mortos, do cão e da minha. Pela primeira vez me sentia realizada. Tão realizada que sequer notei quando já o havia matado, a sombra, e quando por fim me tornara, como ele, uma assassina. Ou como os corpos, outra morta.

Uma morta-viva.

Sempre soube que a vítima e o algoz viviam sob as mesmas trevas, mas até aquele dia essa frase era apenas um poema, lido ou escrito num livro, por mim, ou por outra mulher. Agora não. Vivia vendo a minha própria sombra. Era o meu corpo a treva. E me pergunto, ainda hoje, se aquela breve luz do amanhecer guerreira, como um inter-reino em minha vida, teria sido diferente, se, na prática, tivesse podido distinguir o que é um corpo vivo de um corpo que já morreu. Talvez isso me tivesse salvo, daquele corpo sombra, o que matei, num segundo do amanhecer, acabando com todos os dias do resto da minha vida.

Escrevo desse quadrado, vocês já imaginam qual. Não me restou senão voltar às letras. E continuar guerreando para não me matarem a cada dia do lado de cá, do dentro, do inferno. Agora passo as horas me perguntando até que ponto essa não é a vida de uma mulher que luta, todos os dias, acordando nesta cidade cheia de luz.

RELATOS

A Sombra do Amanhecer

UM

Todo ator tem truques de atuação.

Pelo que me explicaram, essas técnicas evoluíram ao longo dos tempos. Para parecerem tristes, alguns atores lembram de algo triste que viveram. Outros procuram posturas, respiração e coisas assim, para que as pessoas achem que eles estão de fato tristes. Outros fazem essas posturas e ficam tristes de verdade logo mais. Cada qual com suas técnicas.

Fato é que, nesta performance, eu tinha que ficar triste, velando corpos perto do mar, ou seja: eu tinha que parecer triste em um lugar que normalmente para mim é muito feliz, a praia.

Na praia tem tudo o que amo: posso nadar, correr, cavar, ficar solto... Em outras palavras, é um lugar onde posso viver uma vida realizada de cão feliz.

Por esse motivo, ficar triste e contemplativo na praia foi um grande desafio de atuação para mim. Até porque, desde que me entendo por cachorro, o mar sempre me encantou.

Nesse caso, na performance, eu tinha que ficar velando corpos que estavam ali – corpos de pessoas que eu amo de verdade. Para que isso desse certo, tivemos que inventar um truque, que eu vou revelar aqui só pra quem estiver lendo. Ninguém mais vai saber.

Primeiro, eu tive direito de nadar bastante antes, para me cansar – brincaram que eu estava seguindo o método Fátima Toledo, algo assim, eu não lembro bem, mas eu realmente fiquei cansado de tanto correr e nadar às 5h da manhã. Depois, eles ficaram escondendo petiscos nas roupas e em partes dos corpos, para eu ficar lá, farejando os corpos como se eu tivesse tentando acordar eles. Eu farejava e quando encontrava o petisco, eu respirava de forma contemplativa e comia o petisco. Então, de longe, parecia que eu estava velando os corpos.

Nos registros, parece que eu estou desesperado porque morreram, mas como sou performer, estou revelando a verdade: eu estava desesperado para achar os tais de petiscos escondidos, porque eu estava com fome.

Depois me explicaram que isso é a diferença entre uma performance ao vivo, em que tudo tem que ser meio que verdadeiro, porque é filmado ou fotografado, e uma fotoperformance, em que a gente pode usar de uns artifícios para conseguir alguns efeitos.

Foi isso que fizemos e deu muito certo. Logo depois, corri solto na praia.

Praia, esse petisco gigante. Amei.

DOIS

Segundo nosso cronograma, o conto “A sombra do amanhecer”, de Ana Kiffer, devia ser vivido em abril. Na reunião de preparação, entretanto, tivemos dificuldade para encontrar uma data, naquele mês, em que todas pudessemos estar juntas de manhã cedinho. Restou-nos como única possibilidade o feriado da Sexta-Feira da Paixão. Tania Alice achou curioso que estivéssemos destinadas a viver o conto mais sombrio do projeto, aquele em que viveríamos a experiência de estarmos mortas, justamente no feriado que rememora o dia da morte de Cristo, sua crucificação. Assim como Jesus, nós ressuscitaríamos, não depois de três dias, mas depois de uns trinta minutos, ela observou. Os trinta minutos necessários para fazermos a nossa fotoperformance.

Confesso que vivi tudo em um estado de sonolência, aproveitando que tinha de estar morta, estirada na areia, para prolongar um pouco a minha noite, apesar dos raios de sol que começavam a clarear o céu. Para acordar às cinco da manhã, havia dormido pouco. E não funciono muito bem se não durmo oito horas de sono. Assim, depois da performance, que durou, de fato, uns trinta minutos, voltei para casa a fim de dormir ainda um pouquinho mais. Cheguei, tomei um banho e deitei-me na cama.

Dormi das oito às onze da manhã aproximadamente. Na última hora do sono, entretanto, tive um sonho estranho, perturbador. Eu nadava no mar, perto da lâmina de água, pressentindo, por cima, a leveza de um céu azul e luminoso. Era dia, os raios do sol atravessavam a superfície marítima e se irradiavam de um modo bonito, espalhando-se suavemente pela massa líquida que eu percorria, tão clara e tão verde. Eu nadava com facilidade. Mais rarefeita do que nunca, a água salgada me permitia avançar sem esforço, sentindo apenas o prazer de movimentar os membros do corpo, como numa dança sem gravidade. E eu não sentia necessidade de levantar a cabeça para respirar. Era como se eu respirasse dentro da água. Como se eu fosse um peixe, ao lado dos outros que, alegremente, dividiam aquele espaço comigo. Aos poucos, entretanto, fui me aproximando da orla. E, à medida que me aproximava, o mar ia ficando mais escuro e mais denso. Até que a água se tornou preta, com umas manchas vermelhas, como se os raios dourados do sol tivessem se transformado em radiações de uma luz rubra e lúgubre.

Ou talvez as manchas vermelhas fossem acúmulo de sangue, mesclado à água escura. O céu era agora um céu noturno. E eu via, através da lâmina de água, as luzes acesas da uma cidade que se erguia para além da praia, com seus postes e prédios, altos e cinzentos. Eu já não respirava como um peixe. Sentia a necessidade de me erguer à superfície e inflar o pulmão de oxigênio. Faltava, porém, um

longo percurso até eu chegar à faixa de areia. Tentei erguer a cabeça para fora, mas a massa líquida sobre mim era tão espessa e densa que eu não conseguia subir o corpo. A lâmina de água era como a tampa pesada de um caixão que me empurrava para o fundo. Sufocando, desesperada, planejei levantar as mãos, que, mais leves e ágeis que a cabeça, poderiam, eu imaginava, atravessar aquele limiar, puxando depois todo o corpo para fora. Ou talvez as mãos pudessem se agitar, sinalizando um pedido de socorro a quem porventura estivesse na praia e pudesse vir me salvar. Não foi fácil cumprir o plano. Precisei fazer tanta força para levantar as mãos que acordei, os braços batendo violentamente contra a cabeceira da cama.

Quase imediatamente me lembrei do poema de Ana Luísa Amaral “Prece no Mediterrâneo”, do seu livro *Ágora* (2019). No livro, o poema vem ao lado de uma reprodução do afresco do século VI “O milagre dos pães e dos peixes”, situado na Basílica Sant’ Apollinare Nuovo.

Em vez de peixes, Senhor,
dai-nos a paz,
um mar que seja de ondas inocentes,
e, chegados à areia,
gente que veja com coração de ver,
vozes que nos aceitem
É tão dura a viagem
e até a espuma fere e ferve,

e, de tão alta, cega
durante a travessia

Fazei, Senhor, com que não haja
mortos desta vez,
que as rochas sejam longe,
que o vento se aquiete
e a vossa paz enfim
se multiplique.

Mas depois da jangada,
da guerra, do cansaço,
depois dos braços abertos e sonoros,
sabia bem, Senhor,
um pão macio,
e um peixe, pode ser,
do mar
que é também nosso

(AMARAL, 2022, p. 1263)

TRÊS

Naquela manhã, era sexta-feira Santa. Talvez por isso o dia já começasse carregado de um ar mais denso e um silêncio mais espesso. Colocar os pés na areia úmida e gelada foi como cruzar uma fronteira invisível. A sensação não era de estar apenas participando de uma sessão fotográfica. Era algo mais. Algo que envolvia rituais de presença, escuta, entrega. Não estávamos mais apenas vivendo “A sombra do amanhecer”. Estávamos dentro dele, inscritos com o corpo, atravessados por sua paisagem simbólica e sombria.

Cada uma das imagens previstas no roteiro que preparamos a partir do conto, deixava de ser só um quadro a ser recriado e se tornava uma partitura viva, que pedia nossa total atenção. Montar a cena não se reduzia a uma encenação. Era um processo sensorial. Quando nos posicionamos para a foto dos “corpos na areia”, o frio da manhã encontrou a pele, o sal grudou nas articulações e por todos os fios de cabelo. Uma camada tátil inesperada tomou conta do gesto. O corpo respondeu com vulnerabilidade, não ensaiada, não planejada, mas real.

É aqui que me lembro de Moacir Romanini Junior e sua ideia de que é preciso dotar os sentidos de quantidades extras de sensorialidades, como uma reeducação perceptiva

frente ao ambiente. A areia, o vento, a luz difusa querendo aparecer: tudo era mais que cenário era material de criação. Era provocação direta aos sentidos, ao corpo, ao estar.

Quando registrei a imagem do “Homem Vítuviano”, havia esforço físico, havia peso, havia chão. Não era só seguir e obedecer a um esboço visual. Era encarnar a imagem, habitar o desenho com o próprio corpo. E nesse embate entre ideal e matéria, entre forma e resistência, o gesto se tornava ação real.

Olga Wanderley propõe que a fotografia performática não é apenas um registro. Ela prolonga o acontecimento, estende a presença para além do instante. E mais: encenação e presença se embaralham, se confundem e se alimentam mutuamente. A fotografia não testemunha de fora. Ela participa, se contamina, interfere, e isso foi possível de perceber e sentir.

A tensão entre presença e ausência se revelou com força na cena do “grito da mulher”. Eu estava resistente, mas me deitei na areia. Não havia som, mas a garganta estava lá, tensa e a boca aberta como quem berra uma angústia. O joelho sentia o frio. A respiração era quebrada. A imagem que se construiu naquele clique não foi só uma composição visual. Foi um corpo em vibração. Uma memória incorporada.

Naquele exato momento, a teoria ganhava carne. Estávamos praticando e também escutando os desdobramentos conceituais daquilo que fazíamos. Cada gesto

vivido abria espaço para uma nova camada de leitura. A prática não era preparação para o pensamento ela já era o pensamento em ato. O silêncio da prática me chamou muita atenção era como uma oração que todos estavam fazendo dentro da mente.

Cada foto daquela manhã não foi só uma documentação. Foi criação, foi atualização de uma proposta artística que só existia se os corpos estivessem inteiros dentro dela, atentos, sensíveis e disponíveis.

A areia nos marcou. A luz nos moldou. A sombra nos atravessou. E os registros finais, o dourado do amanhecer na cidade, o cachorro guardião, pareciam mais que lembrança, eram, como diz Suely Rolnik, arquivos vivos. Imagens capazes de ativar experiências sensíveis no presente, de provocar, de inquietar.

A fotografia performática, nesse sentido, não é um fim. É dobra, deslocamento, reverberação. Ela prolonga o gesto, carrega vestígios, tensiona o que chamamos de presença. Não se trata de capturar o que passou, mas sim de ativar camadas do agora... um agora que insiste, que reaparece no olhar de quem vê.

Talvez escrever, depois disso, seja menos organizar ideias e mais escutar o que ficou vibrando. Encontrar uma forma que não separe corpo e pensamento, que abrace a instabilidade da experiência. Uma linguagem que não encerre, mas reabra. Que se permita também ser atravessada.

Porque, no fim, talvez a pesquisa em arte seja isso: atravessar e ser atravessado. Habitar o intervalo entre ação e sentido. E confiar que, mesmo no silêncio da imagem, algo continua vivo.

QUATRO

A encenação do conto “A Sombra do Amanhecer”, de Ana Kiffer, tornou-se uma potente travessia entre vida, literatura, performance e fotografia. A narrativa, atravessada por temas como morte, luto e sobrevivência, ecoou profundamente nos corpos e histórias dos participantes, que, ao ocupar o espaço da praia ao raiar do dia, performaram sua própria potência poética.

O texto de Kiffer, ao construir uma cartografia sensível da morte às margens do mar, já propõe uma dramaturgia de corpos silenciados que clamam por escuta, que se tornam signos de histórias interrompidas. Ao performar esse conto em plena Sexta-Feira Santa, data em que se ritualiza a morte de Cristo, o grupo ativou camadas simbólicas e rituais que extrapolam a cena. Cada amanhecer que executamos é um grande renascimento artístico. A encenação ali foi também um gesto de memória viva, como aponta Diane Taylor ao conceituar a performance como repertório, um modo de conhecimento encarnado, vivenciado e transmitido através do corpo.

A escolha por transformar essa performance em uma fotoperformance evidencia o papel central da imagem como meio artístico e político. Como afirma Olga Wanderley, “a fotografia performática extrapola o registro e torna-se presença, ação, encenação”. A câmera não apenas documenta, mas participa da construção estética e afetiva

da cena. Isso se intensifica, no meu caso, impossibilitada de estar na areia, devido ao meu preceito de iniciação no Candomblé. Assumo a função de maquiadora e fotógrafa, ativando o olhar de dentro, dirigido por quem conhece e sente a cena. A partir da calçada, observo, penso planos de curta-metragem, dirijo corpos, registro gestos. Meu corpo se performa como arquivo.

O cão Buda, como já havia acontecido nas outras performances, também atua. No relato ficcional e cômico do próprio cachorro, somos conduzidos ao entendimento de que até os truques de atuação são formas de presença. Ao farejar corpos por petiscos escondidos, Buda encena o luto, tornando-se performer entre humanos. Como observa Olga Wanderley, ao citar exemplos como Cindy Sherman e Rodrigo Braga, a performance para a câmera incorpora artificios, e isso não diminui sua força, apenas desloca o centro da ação. O que está em jogo é o efeito de presença, e não a veracidade do gesto.

O relato das “Fazedoras de Amanhecer” constrói também essa multiplicidade de linguagens. Há quem esteja “meio fora”, como eu, mas me encontro no ato de maquiar e observar um modo de pertencimento à cena. E ainda pude assumir a perspectiva de diretora, articulando o olhar de fora. Há quem aproveite o sono encenado como uma extensão de seu cansaço real, acordando mais tarde com sonhos densos, entre o mar e a morte.

A performance de “A Sombra do Amanhecer” foi também um jogo entre ficção e realidade, como a própria Ana Kiffer propõe em seu texto, misturando o delírio, o sonho e a memória. Como a narradora que escreve frases na areia em círculos ao redor dos corpos, as fazedoras escrevem e apagam com seus próprios gestos, reinventando-se na cena. Se há um crime ou a tentativa de reparação de um crime, como diz o conto, ele talvez seja o da existência de uma arte que insiste em olhar de frente a dor do mundo, transformando-a em rito, imagem, literatura e afeto.

A fotoperformance, nesse contexto, não deve ser compreendida apenas como um registro de algo que aconteceu, mas como um ato criador em si mesmo. Como enfatiza Olga Wanderley, a câmera torna-se parte da cena, uma espécie de cúmplice que colabora para a construção da presença e da potência simbólica da imagem.

No caso de “A Sombra do Amanhecer”, o gesto de fotografar corpos estendidos na areia, cuidadosamente maquiados, iluminados pela luz do sol nascente, configura uma escrita visual. Trata-se de uma dramaturgia da imagem, em que a fotografia não documenta o corpo, ela o performa. Cada clique traduz um instante coreografado entre o vivido e o imaginado, entre a encenação e o espontâneo.

A praia de Copacabana, repleta de banhistas no stand up, transforma-se em palco efêmero de um rito imagético, no qual a morte não é fim, mas linguagem estética. Assim, a fotoperformance é, no projeto, um elo vital que

articula literatura, corpo, tempo e imagem em um mesmo gesto poético e político.

Desse modo, o conto literário, a encenação matinal, os relatos e as imagens produzidas formam uma constelação poética que transcende gêneros e linguagens. A performance não é apenas o que aconteceu na praia, ela está no gesto de caracterizar, no texto escrito, na fotografia feita com intenção estética, na memória sonhada horas depois. Como lembra Olga Wanderley, a fotografia performática é “criação e não apenas testemunho”.

Na borda entre o mar e a cidade, entre a morte simbólica e o renascimento artístico, “A Sombra do Amanhecer” mostrou como a arte pode ser o território onde nossas sombras dançam, mesmo que por trinta minutos com a primeira luz do dia.

A Sombra do Amanhecer



PARA SER VIVIDO

Júlia Portes

Cinco pessoas e um cachorro acordam em um apartamento. Dormiram todas no mesmo quarto, mas, ao que parece, não tem nada a ver com suruba. Também não foi um imprevisto. Partiu do desejo de resgatar o que só as adolescentes se permitem ter: dormir com as amigas. O problema é que, quando a gente cresce, as manias vêm junto. Uma só consegue dormir com três travesseiros: dois tapando as orelhas — vai que entra um inseto — e um embaixo dos joelhos. Outra precisa da TV ligada, sofre de insônia e tem medo de fantasma. Uma dorme às nove da noite para acordar às cinco horas da manhã para meditar. Outra faz questão de ter o cachorro no quarto, se recusa a deixar seu amigo de outra espécie fora do ar-condicionado no calor do Rio de Janeiro. E há aquela que, depois de uma garrafa de vinho, quer beijar todas as amigas de língua.

Talvez seja melhor voltarem para suas respectivas casas.

Não hoje.

Hoje, essas amigas, que não se veem há dois meses e vinte dias, dormiram juntas e estão acordando no apartamento mais desagradável: o de Jordana, a única que ofereceu a residência. Cada uma trouxe sua comida preferida para o café das amigas, que vai durar ao menos uma hora. Até Buda, o cão — que, ao contrário do que o nome evoca, não é nada meditativo —, vai comer ração especial.

Todas as conversas vão aparecer, inclusive os ressentimentos.

Jordana acorda as amigas às cinco e meia.

Às seis horas, a mesa está posta, e cada uma está sentada em seu lugar.

Carola vai contar sobre um trabalho bem-sucedido.

Tatiana vai revelar para Carola um incômodo incubado há pelo menos três anos, de forma que ninguém conseguirá comemorar a vitória do trabalho bem-sucedido de Carola.

Aurélia vai comemorar, com dois “iupi,iupi”, a vitória de Carola, para que a amiga não se sinta ignorada.

Viviane vai colocar panos quentes: “Pessoal, pessoal, estamos na casa da Jordana.”

Aurélia vai insistir: “Por favor, os desentendimentos importam.”

Jordana, que está sempre um pouco dessituada, trará, como se nada fosse, uma notícia bombástica, que tomará a atenção de quase todas — menos de Aurélia, que, sem dúvida, a julga por ser uma pessoa umbilical.

Viviane, que sempre foi um pouco competitiva, comenta a declaração de Jordana com um poema que pode ou não ter alguma conexão com o que foi dito, dependendo do ponto de vista.

Jordana vai se emocionar.

Carola vai responder ao incômodo incubado de Ta-

tiana em silêncio, comendo um mamão em velocidade lenta, sem tirar os olhos da amiga.

Aurélia vai perguntar, entre dentes, para Jordana se ela acha que Carola está dando em cima de Tatiana.

Viviane vai escutar.

“Aurélia costuma levar as coisas para esse lado”, censurará Viviane.

Uma briguinha, que começará baixa, vai explodir na quarta frase.

Jordana vai começar a arrumar suas coisas para ir embora, mas lembrará que está em sua própria casa.

Aurélia vai repetir: “Por favor, os desentendimentos importam.”

Dez minutos de silêncio.

Aurélia picou uma fruta nos últimos minutos e colocará o prato no centro da mesa.

Todas vão comer, menos Tatiana, que acusará Aurélia de ter envenenado a comida em nome da legitimidade dos desentendimentos (Tatiana usará uma voz debochada imitando Aurélia quando disser desentendimentos).

Carola dirá que, se for para morrer, então vai levantar e beijar Tatiana, não quer morrer de mal com ninguém.

Tatiana vai fingir que não quer, mas, segundo ela, beijará por educação.

Viviane vai ler a primeira página de uma obra clássica enquanto o beijo acontece.

Jordana brincará com Buda, sentindo-se o próprio

Coronel Aureliano Buendía em frente ao pelotão de fuzilamento.

Jordana dirá: “Essa casa é a minha Macondo, e a guerra precisa acabar.”

Tatiana, no celular, colocará um áudio para que todas ouçam. O conteúdo do áudio é...

Aurélia: Vocês estão sentindo?

Tatiana: É efeito do veneno!!!

Aurélia: Cala a boca, Tatiana!

Viviane: O chão está tremendo.

Carola: Não estou sentindo.

A televisão pregada na parede cai e espatifa no chão.

Todas as mulheres vão se desesperar.

Buda: Au au.

Jordana: Acontece.

Aurélia, nesse momento inoportuno, se envaidecerá. Achará especial estar vivendo um fenômeno da natureza e ter sido a primeira a perceber. “Quanta sensibilidade eu tenho”, comentará sobre si mesma. A vaidade não morre, independente da qualidade do apocalipse. Cada uma das amigas escolherá um objeto para salvar antes de sair correndo do apartamento. Quem não está em casa tem uma gama de possibilidades menor, o que é ótimo. “O problema desse tempo é poder escolher tudo o tempo todo”, dirá Viviane. Em menos de cinco minutos vão revirar as coisas de Jordana e cada uma, suas respectivas bolsas, e, na sequên-

cia, se vão encontrar em frente à porta do apartamento, de pijamas, abraçadas em seus pertences mais valiosos: quadros, bichos de pelúcia, carteira de motorista, chumaços de dinheiro, eletrônicos, a melhor panela da casa de Jordana. As neuroses explícitas, ninadas por suas donas.

Tatiana: Parou de tremer.

Aurélia vai achar uma pena. Era melhor que uma catástrofe maior que aquele encontro se sucedesse.

Viviane: Carola, você é tão mesquinha. Escolheu salvar seu celular?

Carola: Pior você, que está levando coisas que não são suas.

Todas vão reparar nas escolhas de todas.

Jordana: Gente, já que vamos viver, preciso trabalhar.

Tatiana: EU também.

Aurélia: EU principalmente, tenho um trabalho bem-sucedido.

Carola: EU também.

Viviane: EU também.

Cada uma vai deixar o que não era de sua posse no sofá e irá embora de pijama mesmo. “Au au”, dirá Buda.

RELATOS

Para ser vivido

UM

Eu sei que a organização da ordem dos textos e a escolha das escritoras e do escritor foram feitas em função de outros critérios, mas é importante ficar atento ao fato de que, em cada conto, os meus princípios de atuação vão sendo mais desafiados.

Eu já tinha tido partituras corporais a decorar em outros amanheceres, partituras difíceis as vezes que envolviam coreografias complexas e até acrobacias aéreas (em um dos contos, eu abocanhava um petisco no ar) mas neste conto, eu tive algo fundamental: texto.

Sim.

Texto.

Texto de ator.

Texto de autor.

Texto de autor para ator.

No caso, eu.

Um trecho do conto dizia:

A televisão pregada na parede cai e espatifa no chão.

Todas as mulheres vão se desesperar.

Buda: Au au.

Jordana: Acontece.

Eu tinha essa fala, em que eu dialogava diretamente com os acontecimentos.

No final do conto, ainda estava escrito:

Cada uma vai deixar o que não era de sua posse no sofá e irá embora de pijama mesmo.

“Au au”, dirá Buda.

Ou seja: uma segunda fala. De novo, eu, opinando sobre o acontecido.

Nesse conto, todas as Fazedoras do Amanhecer vieram dormir aqui em casa, para que a gente amanhecesse lindamente juntas para tomar café.

Eu fui até levado para passear muito cedo e estar inteiramente disposto para a minha grande atuação.

Minha missão era acordar todo mundo as 5 da manhã e depois esperar a hora do meu texto.

Tinha um momento do roteiro em que eu recebia carinho e depois, era o momento da minha fala importante.

Eu confesso que fiquei um pouco tímido com tanta gente em casa, câmeras e fotografias, então eu falei bem baixinho. Mas todo mundo ouviu o meu “au au”.

Me senti orgulhoso.

O meu segundo texto foi melhor ainda.

Do nada, todo mundo saiu de casa correndo com objetos nas mãos para a calçada em frente de casa onde faço xixi habitualmente.

O bolo e o presunto ficaram sozinhos em cima da mesa.

Eu olhei para o bolo e falei Au, au. Performei com intensidade.

Como arquivo da minha atuação, sobrou uma migalha de bolo em cima do meu nariz de ator, alinhado com a minha verdade e as minhas motivações.

Um verdadeiro desafio de atuação.

Au au.

Me senti pleno.

DOIS

Ficamos animadas com as experiências que esse conto nos proporcionaria: revelar uma notícia bombástica, comer uma fruta em câmera lenta, beijar enquanto a primeira página de um clássico é lida, fazer dez minutos de silêncio depois de uma discussão e estar de pijama no meio da rua. Seria delicioso viver tudo aquilo!

Nos reunimos duas semanas antes para decidir qual de nós encarnaria qual personagem. Como, no primeiro parágrafo do texto, as amigas não são identificadas, tivemos de decidir também quem teria qual mania. A divisão ficou assim: Carla viveria Viviane, a que acorda às cinco da manhã para meditar; Amanda, Carola, a que bebe uma garrafa de vinho e depois quer beijar todo mundo; Tania, Jordana, a que não consegue deixar o cachorro dormir fora do quarto; Vitória, Aurélia, a que só consegue dormir com três travesseiros e sempre tenta colocar panos quentes nas discussões; e Julia, Tatiana, a que precisa da TV ligada, sofre de insônia e tem medo de fantasma. Buda, nesse conto, assumiria a personagem do cachorro que é mimado com frutinhas e come ração especial (um papel difícil, podemos imaginar).

Como Tania virou Jordana, vivemos esse amanhecer no apartamento dela, que, diferente da locação do texto, não era nada desagradável. Fomos todas para lá na noite de

uma sexta-feira, e a primeira coisa que fizemos foi beber um vinho e fofocar. Uma coincidência entre as amigas da ficção e a nossa realidade é que não nos víamos havia dois meses, desde a vivência do nosso último amanhecer. Fizemos uma leitura do conto – que Chico, irmão de Buda, atacou com várias mordidas, quase destruindo o papel. Estaria revoltado por que não participaria desta performance, que não requeria um dublê?

Revisamos nosso roteiro de ações e separamos os objetos de cena (Carla até havia levado uma TV antiga para ser espatifada no chão). Além disso, decidimos nos dar uma colher de chá. Uma vez que, nesse amanhecer, não era preciso ver o sol nascer no horizonte, Tania não precisava acordar as amigas às cinco e meia, como era previsto; podia deixá-las dormir um pouco mais, até oito da manhã. Como não cabíamos todas no mesmo cômodo, Amanda, Júlia e Vitória dormiram na sala. Carla, Tania, Buda e Chico, juntos no quarto. Mas, ao que parece, não tinha nada a ver com suruba.

No dia seguinte, ninguém sabe se Carla acordou às cinco para meditar, como sua personagem faria, porque ninguém conseguiu estar de pé naquela hora. Mas sabemos que ela saiu com Tania às sete e meia, antes de acordar as outras, para dar um passeio matinal com Buda e Chico. Na volta, todas acordaram e iniciamos a vivência do nosso amanhecer.

Preparamos uma linda mesa e fomos todas tomar café da manhã. Amanda/Carola começou a falar com empolgação e orgulho de um trabalho que tinha feito, sobre o qual não tinha comentado antes por questões de sigilo. Era uma participação em um filme da Christiane Jatahy. Amanda contou a novidade de maneira tão convincente que Carla ficou animadíssima, não se dando conta de que aquilo já era o início da performance: “Como assim a notícia bombástica já agora? Muito maneiro! Parabéns!” Tania precisou lembrá-la, num sussurro, que aquele já era o primeiro comando do conto; ou seja, que Carola estava contando sobre um trabalho bem-sucedido. Carla riu envergonhada, estupefata com a própria distração, e concentrou suas forças para mergulhar na pele de sua personagem, Viviane.

Júlia/Tatiana não titubeou, e logo revelou seu incômodo incubado com Amanda/Carola: “Do que adianta um trabalho bem-sucedido se você não assume o que aconteceu três anos atrás?”. Climão. Vitória/Aurélia observou que os desentendimentos importam, não devem ser ignorados. Tânia/Jordana, para aliviar, anunciou que tinha uma notícia bombástica, uma fofoca real com alguém do grupo. Conta logo! No final de semana anterior, Júlia tinha ido a uma festa e ficado com... Vamos omitir o nome neste relato, mas era uma pessoa que ninguém jamais imaginaria. Vitória foi a que ficou mais chocada, pois conhecia bem a tal pessoa. Teve, entretanto, que disfarçar sua surpresa. Sua personagem era a que dava menos bola à notícia bombástica de Jor-

dana, que julgava ser uma pessoa umbilical. Carla/Viviane, por sua vez, para desviar a atenção da fofoca, começou a ler em voz alta um poema de Wisława Szymborska:

A vida na hora

A vida na hora.

Cena sem ensaio.

Corpo sem medida.

Cabeça sem reflexão.

Não sei o papel que desempenho.

Só sei que é meu, impermutável.

De que trata a peça

devo adivinhar já em cena.

Despreparada para a honra de viver,

mal posso manter o ritmo que a peça impõe.

Improviso embora me repugne a improvisação.

Tropeço a cada passo no desconhecimento das coisas.

Meu jeito de ser cheira a província.

Meus instintos são amadorismo.

O pavor do palco, me explicando, é tanto mais humilhante.

As circunstâncias atenuantes me parecem cruéis.

Não dá para retirar as palavras e os reflexos,

inacabada a contagem das estrelas,
o caráter como o casaco às pressas abotoado –
eis os efeitos deploráveis desta urgência.

Se eu pudesse ao menos praticar uma quarta-feira antes
ou ao menos repetir uma quinta-feira outra vez!
Mas já se avizinha a sexta com um roteiro que não conheço.

Isso é justo – pergunto
(com a voz rouca
porque nem sequer me foi dado pigarrear nos bastidores).

É ilusório pensar que esta é só uma prova rápida
feita em acomodações provisórias. Não.
De pé em meio à cena vejo como é sólida.
Me impressiona a precisão de cada acessório.
O palco giratório já opera há muito tempo.
Acenderam-se até as mais longínquas nebulosas.
Ah, não tenho dúvida de que é uma estreia.
E o que quer que eu faça,
vai se transformar para sempre naquilo que fiz.

Dependendo do ponto de vista, aquele poema tinha
muito a ver com o que estava acontecendo. Naquele mo-
mento, no entanto, sem tempo para reflexões profundas,
seguimos o roteiro sem pensar muito na coisa. Amanda/
Carola respondeu ao incômodo incubado de Júlia/Tatiana

comendo uma banana em câmera lenta, sem tirar os olhos da amiga. Na verdade, para seguir fielmente o conto, Amanda devia comer um mamão, mas deixamos que trocasse a fruta, pois ela simplesmente odeia mamão; “a ponto de vomitar”, ela disse.

Dez minutos de silêncio.

Para nós, aquele foi o momento em que finalmente conseguimos comer. Aurélia/ Vitória cortou uma maçã em pedacinhos e, em silêncio, ofereceu para todas, que aceitaram. No final do intervalo de silêncio, Tatiana/Júlia, ainda mordiscando a maçã, acusou Aurélia/ Vitória de ter envenenado a fruta: “Tá um gosto estranho... Aurélia colocou veneno nessa maçã! Ela quer matar a gente!”. Então Carola/ Amanda anunciou que, se fosse para morrer, não morreria sem antes beijar Tatiana/Júlia, o amor de sua vida, a quem havia beijado três anos atrás. Entre risadas, elas começaram a se beijar. Carla prontamente se levantou e começou a leitura da primeira página dos Fragmentos completos de Safo. Uma longa primeira página, um longo beijo.

Multifloreamente Afrodite eterna
Zeus te fez ó roca-de-ardis e peço
deusa não permita que dor e dolo
domem meu peito

venha aqui se um dia ao ouvir meu pranto
longe sem demora você me veio

logo que deixava teu lar paterno
plenidourado

sobre o carro atado e pardais velozes
te levaram vários à negra terra
numa nuvem de asas turbilhonantes
na atmosfera

junto a mim no instante você sorrindo
deusa aventurada de face eterna
perguntou-me por que de novo sofro
chamo de novo

e o que mais desejo que seja neste
louco peito quem eu de novo devo
seduzir e dar aos amores? quem ó
Safo te assola?

pois se agora foge virá em breve
se presentes nega dará em breve
se desama agora amará na hora
mesmo que negue

venha agora aqui me livrar das longas
aflições conceda os afãs que anseio
neste peito e seja aliada nesta
linha de luta.

Esse poema, dependendo do ponto de vista, também tinha a ver com o que estava sendo vivido. Na verdade, era até um pouco óbvio que Carla tivesse escolhido ler Safo, dentre todos os autores da Antiguidade Clássica que podia ter escolhido para aquele momento. “Que outro clássico poderia servir melhor como trilha sonora para um beijo entre duas mulheres?”, argumentaria. Quem a conhece um pouco podia até adivinhar que ela não perderia aquela oportunidade para transferir sua faceta de lésbica militante para sua personagem Viviane.

Ao final da leitura, Tania/Jordana disse, do nada: “Essa casa é a minha Macondo, e a guerra precisa acabar.” Todas riram daquele despropósito. Júlia/Tatiana anunciou que ia colocar um áudio para todas ouvirem, mas, antes de ela dar o play, Vitória/Aurélia disse que estava sentindo o chão tremendo. Todas se desesperaram. Parecia ser um terremoto. A TV não caiu espontaneamente, precisamos ser sinceras. Mas a colocamos no chão e tiramos uma foto dela, que já era bem velha, com alguns arranhões na tela; parecia mesmo quebrada.

Em seguida, pegamos algumas coisas ao nosso alcance e saímos correndo para a rua. Quando paramos do lado de fora e nos encaramos, começamos a rir. Afinal, estávamos de pijama, com coisas aleatórias nas mãos, em uma manhã de sábado no Rio de Janeiro. Júlia/Tatiana carregava um vaso de plantas e uma concha gigante, daquelas em que se pode ouvir o barulho do mar. Vitória/Aurélia

levava nas mãos o bolo de laranja que estava na mesa do café. Carla/Viviane tinha pegado a torradeira, uma caixinha de som e um mini cacto. Amanda/Carola tinha escolhido salvar seu celular, um fone de ouvidos e uma caneca de café, cheia ainda. E Tania/Jordana tinha salvado um rádio vintage e um anão de cerâmica.

Voltamos e nos perguntamos o que o porteiro estaria pensando de nós (Tania nos contou que, no dia seguinte, ele lhe perguntou se aquilo era para o nosso TCC). Como era sábado, ninguém tinha de sair para trabalhar, mas fomos todas embora de todo jeito. Júlia foi embora de pijama mesmo, de moto táxi, e agarrando seu travesseiro nas mãos. As outras trocaram suas roupas. Vitória foi para casa. Amanda e Carla vestiram o biquíni e foram para a praia. Tania ficou em casa com Buda e Chico. “Au au”, finalmente disse Buda.

TRÊS

Cinco corpos, uma casa e uma intenção: viver um conto. Não um conto escrito, mas um conto-experiência. Um conto-cena. Diferente de todos os outros pra mim.

Chegamos na casa da Tania, eu fui a primeira a chegar como uma boa paulista pontual, num sábado à noite, cada uma trazendo na bagagem um pouco de expectativa e uma dose de medo. Um medo bom, desses que antecedem o desconhecido e que, já nas primeiras horas, se mistura com vinho, com um pouco de sono e riso fácil.

A Carla quis tomar banho cedo, se recolheu antes de todo mundo, dizendo que precisava descansar o corpo. Fizemos um cárdio para abrir o sofá cama e acabou virando um pequeno labirinto para os cães da casa. Depois foi a Tania que apagou a luz do quarto, com o cuidado de quem já previa o que estava por vir. Sobrou eu, Amanda e Vitória. Eu e Amanda fomos pra fora do prédio, com cigarro em mãos e uma missão silenciosa: treinar o beijo. Ensaíamos, como quem ensaia uma cena, mas também como quem deseja. No meio da madrugada, o ar parecia mais denso, a expectativa mais visível, quase performativa. Foi muito bom, rimos, contamos segredos.

Penso agora como tudo isso se configura como uma performance domiciliar (Schechner, 2006), onde a casa, os

móveis, o quintal e até o vinho viraram cenário e objeto cênico. Richard Schechner afirma que a performance não se restringe ao palco tradicional: ela é feita de ações, relações e interações. Nesse caso, éramos ao mesmo tempo atrizes e espectadoras do que estava por acontecer. A casa da Tania virou um lugar de acontecimento performativo.

Como aponta Juliana Junqueira (2019), no artigo “Cinematicidade: caminhos de intersecção entre cinema e performances culturais”, a performance pode se manifestar no cotidiano, nas ações mais corriqueiras, nos gestos mais simples, produzindo significados culturais e sociais para além de sua materialidade.

Dormir juntas, como adolescentes que decidem que a noite precisa ser mais longa que o sono, foi também um ritual. Era como se cada movimento – abrir uma garrafa, escolher a música, compartilhar um cigarro – fizesse parte de uma dramaturgia improvisada, em que os afetos eram o roteiro.

Enquanto Carla dormia, Amanda e eu inventávamos metáforas para o que estávamos prestes a encenar no dia seguinte. Cada frase era um ensaio. Cada beijo, uma tentativa de explorar o corpo como lugar de enunciação. Era como se o que estávamos vivendo ali fosse tão importante quanto o que íamos apresentar na experiência.

No fundo, o que vivemos naquela noite foi uma espécie de ensaio expandido, um tipo de pré-performatividade do real, como discute Fischer-Lichte (2005), quando

afirma que não é necessário um público para que o performativo aconteça. Ele se dá nas escolhas, nas intenções, nas práticas.

Levamos para a experiência do dia seguinte não só os corpos aquecidos, mas também a memória fresca de uma noite que foi, por si só, uma cena. O vinho, o cigarro, o silêncio da Tania, o banho da Carla, o treino de beijo com Amanda... Tudo virou matéria performativa, tudo virou memória sensível.

No campo das Performances Culturais, como reforça Turner (1997), o que vivemos pode ser lido como uma construção de significado que mistura vida, arte e rito. Uma espécie de performance-processo, em que os limites entre o cotidiano e o artístico se diluem, deixando espaço para que a experiência vire narrativa, e a narrativa, memória encarnada.

QUATRO

Ao vivenciar o conto “Para Ser Vivido”, percebi que não estávamos simplesmente atuando uma narrativa, mas construindo, em tempo real, uma dramaturgia do vivido. Cada gesto, como abrir uma garrafa de vinho, comer jujubas, preparar a cama ou decidir quem dorme onde, tornava-se parte de uma partitura cênica não formalizada, mas profundamente significativa.

Esse entendimento dialoga diretamente com o conceito de cinemalidade, desenvolvido por Juliana Junqueira (2019). A autora propõe que há, na performance contemporânea, uma aproximação com a linguagem cinematográfica, especialmente no modo como os fragmentos da vida cotidiana se tornam enquadráveis, editáveis e carregados de sentido estético.

Na prática da nossa performance, essa cinemalidade se fazia presente na maneira como o espaço da casa se transformava em set, como os acontecimentos casuais como fazer carinho no gato, uma leitura, uma conversa noturna, uma ida ao banheiro e esbarrada em um vaso de planta se tornavam cenas, e como o próprio tempo era manipulado através da convivência, dos silêncios e dos ritos compartilhados.

Como afirma Junqueira (2019, p. 7), “a performance e o cinema se encontram quando compartilham o desejo de capturar o instante, o gesto, o detalhe que carrega, em si, a potência do sensível”. E foi exatamente isso que experienciamos. O conto se realizava tanto na manhã performativa quanto na noite anterior, quando os corpos já ensaiavam, de maneira expandida, as cenas que seriam (e não seriam) apresentadas.

A partir da leitura do texto de Tania Alice (2014), o conceito de performance como (r)evolução dos afetos tornou-se central para compreender o que vivemos. A autora afirma que, na contemporaneidade, a performance rompe os limites rígidos entre as linguagens artísticas, dissolvendo a separação entre ator e espectador, palco e vida, ficção e realidade.

O que experienciamos foi exatamente essa diluição. A casa da Tania não era apenas cenário; era parte da dramaturgia. O sofá-cama não era apenas um móvel; era uma partitura corporal coletiva, onde os corpos se organizavam, se esbarravam, se acolhiam. A casa era cenário e até os cachorros e o gato tornaram-se performers involuntários, atravessados pela lógica do jogo cênico.

A leitura que fizemos do texto antes de dormir, bebendo um vinho, exemplifica com precisão essa dissolução. Era, ao mesmo tempo, exercício cênico, gesto afetivo e acontecimento real. Como afirma Tania Alice (2014, p. 3), “a performance acontece na intersecção dos corpos, na

emergência dos encontros e no compartilhamento dos afetos.”

O afeto, portanto, não é um subproduto da cena, mas sua própria matéria. Não há representação de emoções, há ativação de estados de presença que emergem da convivência, do desejo, do desconforto e da cumplicidade.

O conto “Para Ser Vivido” propõe, desde seu título, uma inversão da lógica tradicional da cena. Não se trata de representar um texto, mas de viver uma experiência que, por sua própria natureza, se torna cênica.

Esse deslocamento produz uma cena em que as fronteiras entre vida e arte se tornam porosas. Discussões reais se confundem com conflitos encenados. Afetos verdadeiros atravessam gestos que, à primeira vista, poderiam ser vistos como ficcionais. O que fica evidente é que, na prática da performance, não há mais espaço para pensar o corpo como instrumento da representação. O corpo é, ele mesmo, arquivo, documento e disparador de sentidos.

Assim, a própria experiência performativa se aproxima daquilo que Fischer-Lichte (2005) chama de “geração de presença”, em que o sentido não está no que se representa, mas no que se ativa no encontro entre corpos. O tremor da televisão caindo no conto, o caos que se instala, o abraço coletivo no final, tudo isso ressoa como metáfora de uma existência que é, ela mesma, precária, instável, vibrátil.

A vivência do conto “Para Ser Vivido” no projeto “Fazedoras de Amanhecer” revelou, de forma intensa e

incontornável, que a performance contemporânea não se limita a uma linguagem artística, mas se configura como um modo de existência, um campo de atravessamento entre corpos, afetos, espaços e tempos.

A partir dos textos teóricos de Juliana Junqueira e Tania Alice, compreendo que viver é, em si, um ato performativo. E que, quando tornamos conscientes as dramaturgias do cotidiano, não apenas encenamos a vida, mas nós a tornamos visível, sensível e compartilhável.

A performance, portanto, não é sobre algo a ser visto, mas sobre algo a ser vivido. E talvez, como sugere o próprio título do conto, essa seja sua maior potência política, estética e afetiva.



AMANHECÊ-LAS

Beatriz Belintani

Naquele dia, eu me levantei antes do sol. nem sempre faço isso, quase nunca. troquei de roupa e comi alguma coisa antes de sair. tinha um encontro marcado com elas. nós cinco e um cão. se eu pudesse eu chamaria todo cão de Cã, no feminino. gosto de subverter a língua portuguesa em favor do feminino. palavras não deveriam ter gênero. e existem algumas palavras que eu gosto tanto que, simplesmente por gostar, queria que elas fossem femininas: sol, mar, céu...

naquele dia, eu me levantei antes da Sol. e ali estava eu, caminhando em direção à Mar. a Céu ainda estava adormecida. e Areia já me esperava. amanhecer com elas faz com que eu me sinta completa. e ali estávamos nós cinco e uma Cã.

naquele dia, eu me levantei antes do dia... e ali estávamos nós. nossos olhos se acostumavam com o escuro, enquanto o escuro se acostumava com o claro. e o que nós olhávamos, nos olhava de volta. todas as cores, todos os seres. sentíamos a temperatura do ar e o cheiro da maresia; e o ar também nos sentia e a maresia também nos cheirava. tiramos os sapatos para sentir a Areia. e vivemos de forma perpétua durante os minutos que existem entre a noite e o dia.

Cã farejava com solenidade, como se cada grão de areia carregasse um segredo ancestral. acompanho seu movimento e encontro uma concha. pego a concha com cuidado, como se tocasse uma lembrança recém-nascida, e a levo

ao ouvido, porque é assim que se ouve o passado...

...

...

...

...

fiquei pensando no que é ser inteira...

talvez seja isso: estar em silêncio ao lado das coisas vivas, humanas ou não, respirar as coisas vivas!

Mar

Sol

Céu

Areia

Cã

naquele dia, eu me levantei antes da linguagem. e por isso não pensei em palavras, apenas senti. era como se eu tivesse me tornado parte do que sempre me escapou: o intervalo entre os nomes e as coisas.

Sol ainda não tinha nome, e era só luz. Mar ainda não tinha nome, e era só movimento. Cã era só respiração quente encostada na minha perna. e eu era só corpo, só pele, só poros abertos para tudo.

não pensei em passado, nem em futuro. fiquei ali, entre um passo e outro, como uma vírgula entre dois silêncios. o tempo pareceu se distrair de mim, e eu me aproveitei

disso para existir sem relógio.

Areia começou a me cobrir mais, como se quisesse guardar meu corpo ali, Céu agora era vastidão lilás, e Mar brincava com pequenos espelhos, devolvia ao mundo fragmentos do que ela via.

naquele dia, eu me levantei antes da pressa. e por isso ela não me encontrou. deixei ela dormindo, escondida entre os lençóis, e fui. sem relógio, sem planos, sem peso.

me deitei na Areia e fiquei ali, imóvel, ouvindo o que não se diz, sentindo o que não se toca. um silêncio tão fundo que parecia ter som. talvez seja isso a eternidade: um instante que se estende até não caber mais dentro de mim, onde eu finalmente me reconheço sem nome.

naquele dia, nos levantamos antes do mundo. e talvez tenha sido ele que acordou por nossa causa. e por um tempo breve, mas inteiro, nós fomos presença.

quando Sol enfim se ergueu por completo, tingindo tudo de um dourado que parecia do avesso do tempo, senti que algo em mim também amanhecia. levantei, sacudi Areia das pernas, chamei Cã com um assobio leve. não levei nada dali, nem a concha, mas saí mais cheia. talvez seja isso o que o mundo faz com a gente quando a gente escuta de verdade nos enche do que não se vê.

RELATOS

Amanhece-Las

UM

Eu pessoalmente sou muito atento a quando se prepara aquela bolsa com flores vermelha e rosas, mesmo as quatro da manhã.

Eu sei que essa bolsa significa praia

Praia significa mar.

Mar significa nadar.

Nadar significa bolinha.

Bolinha significa praia.

Como diz o sábio chinês, o todo está no todo.

Nesse conto, eu era a Cã e foi o último texto do nosso projeto, o nosso último amanhecer.

Foi simples, chuvoso, bonito e completo.

Posso dizer: naquele dia, naquele projeto todo

Aprendi as praias.

Aprendi a sol.

Aprendi a areia.

Aprendi as bolinhas

Aprendi elas todas

Ou seja, eu, a Cã
Aprendi a Mar.

Todas

Naquele dia, levantamo-nos antes do sol. Há alguns meses fazemos isso. Mas aquele dia tinha algo de especial, talvez até de melancólico e nostálgico, por antecipação: seria o nosso último amanhecer. Além disso, dessa vez, Vitória não poderia estar conosco. Então seríamos quatro humanas e o Buda.

Como esse era o conto que mais ensejava experiências sensoriais, contemplação e sensação de pertencimento à natureza, pensamos que o ideal seria escolhermos uma praia mais vazia. Mais vazia do que a de Copacabana e a da Urca, que nos surpreenderam, em amanheceres anteriores, pela quantidade de gente presente já antes de o sol nascer. Em Copacabana, nos amanheceres do Caio Riscado e da Ana Kiffer, havia uma multidão no mar, de stand up, esperando o sol despertar no horizonte. Ao que parece, essa é uma nova moda, para cariocas descolados e turistas.

Na areia e no calçadão, também havia muitas pessoas de manhã cedo, algumas caminhando ou se exercitando, buscando manter-se em forma, outras ainda bebendo, viradas da noite anterior. Além disso, as luzes dos postes na orla ficavam acesas até de manhã, e isso não permitia perceber tão bem a passagem da noite para o dia, da escuridão para a claridade. Na praia da Urca, no amanhecer da Carla Mi-

guelote, não foi muito diferente. Havia vários grupos espalhados pela areia, animados, alguns até fazendo churrasco e ouvindo música alta.

Então, a princípio, descartamos essas duas praias. Pensamos nas opções da Barra da Tijuca e de São Conrado, a decidir. Mas, na véspera, Tania teve uma intuição. Mandou-nos uma mensagem, dizendo que achava melhor não irmos para tão longe. Primeiro, porque teríamos que sair muito cedo e faríamos o percurso de carro ainda no escuro. Segundo, justamente porque as praias estariam mais vazias, nós nos sentiríamos menos seguras, com medo, talvez, o que nos impediria de nos entregarmos ao momento. Se fôssemos para uma dessas praias, Tania nem levaria o Buda.

Essa decisão de não levar o Buda nos alarmou. A intuição devia ser mesmo forte. Lamentamos a falta de segurança do Rio de Janeiro, e optamos por repetir a praia da Urca. Provavelmente não estaria tão movimentada quanto em fevereiro, em época de carnaval.

Assim decidido, no dia seguinte, muito cedo, Carla buscou todas de carro. Quem visse o grupo de fora, não imaginaria que estávamos indo para a praia. Era inverno e estava frio. As quatro estavam encasacadas. E era difícil imaginar que Júlia e Carla, otimistas, estavam de biquíni por baixo da roupa.

Quando chegamos à praia, as nuvens tomavam conta do céu. A previsão do tempo havia nos traído. Não veríamos o sol nascer. Mas isso não tirava a beleza da paisagem.

O Pão de Açúcar, aquela imponente montanha rochosa, com seus fios ligados ao Morro da Urca, impressionava a vista mesmo sob o céu nublado, que, aliás, ganhava belas cores arroxeadas. Olhamos, admiradas, a paisagem, e nos instalamos com as cangas e as bolsas na areia. A praia estava mais vazia dessa vez, mais calma e silenciosa. Buda estava feliz por estar na praia para mais um amanhecer. Brincava com sua bolinha, que Tania jogava reiteradamente na direção da água para que ele a buscasse. Um navio atravessava o mar em câmera lenta. As gaivotas iam e vinham, flutuando no ar com graça e elegância.

Enérgica, Tania jogou a bolinha mais uma vez na direção do mar. Jogou com tanto ímpeto dessa vez que a bolinha foi longe, muito longe. Tão longe que Buda não entrou na água para buscá-la. Como a corrente de retorno era forte, a bolinha foi se afastando cada vez mais para dentro do mar. O frio impossibilitou qualquer atitude heroica das humanas que observavam a cena. Buda se acabou, ficou desolado. Todas já tomávamos a bolinha por perdida, quando um homem se aproximou com seu stand up, oferecendo-se para ir buscá-la. Ele salvou a manhã do Buda, que ficou muito agradecido. E nós pudemos voltar mais felizes para nossa contemplação.

Tania e Julia ficaram na canga, observando Buda em sua brincadeira. Carla e Amanda tomaram rumos opostos, e com objetivos diferentes. Enquanto Carla se afastou do

grupo para fotografar, Amanda se afastou para meditar. Se a fotografia pode ser um modo de nos afastar da experiência, ela pode também ter o efeito contrário: aprofundar nossa percepção. Foi com esse objetivo que Carla saiu à captura de imagens. Fotografou as diferentes texturas que encontrou na praia: pegadas humanas, de cães e de aves, porções de areia de tonalidades distintas, pedras, musgos, cascas de tatuí, objetos abandonados e corroídos, e, entre outras coisas, claro, a água do mar, sobretudo os intrigantes desenhos que a espuma das ondas esboçava na areia. Apenas não encontrou conchas em que pudéssemos ouvirmos o som do mar, do passado.

No outra canto da praia, Amanda sentou-se em uma pedra para observar a paisagem. Existe uma expressão japonesa para a sensação de olhar a vastidão do oceano: umi no nagame. Ela se dispôs a sentir exatamente o que essa expressão evocava. A textura do mar lhe provocava quase uma sensação de plenitude, que só não chegava por inteiro porque também lembrava de sua pequenez na Terra.

Quando as duas retornaram para o grupo, Julia já não suportava mais o frio. Então recolhemos nossos pertences e nos encaminhamos para o carro. Só aí a lembrança: “Não fizemos uma foto nossa juntas!” Solucionamos o problema com uma foto de dentro do carro mesmo, e comemoramos a última vez em que nos levantamos antes de o mundo acordar. Seria assim experimentar o mundo no feminino?



EQUIPE

Profa. Dra. Carla Miguelote

Carla Miguelote nasceu em Niterói (RJ), em 1977. É professora adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Desenvolveu uma investigação de pós-doutorado no Instituto de Literatura Comparada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2023-2024). Publicou os livros de poemas *Conforme minha médica* (Confraria do vento, 2016), *O mapa do céu na terra* (Círculo de poemas, 2023) e *Vênus em gêmeos* (NAU Editora, 2024). Também é autora dos livros de ensaios *Palavra e imagem na arte contemporânea: usos do vídeo e do arquivo* e *Poéticas queer: lesbofeminismo e outras insurgências* (NAU Editora, no prelo). Dirigiu os curtas feministas *Amiga oculta* (2017), *Qual imagem* (2018) e *Esquicho* (2019), exibidos em mostras e festivais nacionais e internacionais.

Profa. Dra. Tania Alice

Tania Alice sonha com uma revolução dos afetos pela performance e pretende performar até que isso aconteça. Performer e diretora artística do Coletivo Performers sem Fronteiras e da Fábrica de Sonhos - um projeto que realiza o sonho da vida de uma pessoa por semana -, ela trabalha como artista-pesquisadora e professora na Graduação e na Pós- Graduação da UNIRIO. Diretora do Grupo de Pesquisa “Práticas Performativas contemporâneas” (CNPq) e

bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, ela desenvolve um projeto de pesquisa sobre Poéticas do Cuidado e arte em tempos de crise. Terapeuta do trauma, instrutora de Yoga do Riso e autora de artigos nacionais e internacionais sobre performance e livros como Arte Relacional - o que se faz, o que se come, Manual para performers e não-performers, Arte relacional como revolução dos afetos, Pourquoi la performance? Pratiques sociales, thérapeutiques et pédagogiques, Présence intime e Poéticas do Cuidado, Tania Alice imagina e realiza projetos artísticos participativos e relacionais em camas, cozinhas, espaços urbanos, universidades, florestas, chuveiros, redes e até mesmo em teatros e galerias do mundo inteiro com pessoas, animais e árvores.

Vitória Arruda

Arruda é atriz, performer e pesquisadora, nasceu em Campinas, no interior de São Paulo, onde se formou como atriz no Teatro Escola Macunaíma no ano de 2019. Participou de 15 espetáculos teatrais como atriz e 5 como assistente de direção. Fez parte da companhia de teatro Coletivo Mundaréu com o espetáculo Aquilo que Fica Guardado na Memória com direção do Barbosa Neto, espetáculo que rodou por festivais e teatros no estado de São Paulo de 2018 até 2022. Em 2020 entrou para o curso de Atuação Cênica na UNIRIO, lugar onde se descobriu, além de atriz, pesquisadora, performer e futura professora. Na UNIRIO foi monitora de Movimento e Análise em 2022 e Balé Clássico

em 2023, ambas matérias com a professora Adriana Bonfatti. Participou como voluntária do projeto Circulando, sob coordenação das professoras Joana Ribeiro e Adriana Bonfatti, trabalhando com oficinas de teatro para crianças autistas junto com alunos do curso de psicologia da UFRJ em 2023., Atualmente participa do projeto Cabaré Incoerente, coordenado pela professora Christina Streva, onde esteve como atriz nos espetáculos Bar do Zé em 2023 e atualmente com A Guerra dos Bichos, ambos com direção da Christina Streva. Sempre teve um apreço pela performance e sentia a necessidade de explorar mais este lado artístico, na universidade finalmente pode aprofundar sua pesquisa na área com a orientação da professora Tania Alice.

Júlia Campbell

Júlia é atriz e pesquisadora. Graduanda em atuação Cênica pela UNIRIO. Vem trilhando seu percurso artístico desde muito nova. É bailarina e tem uma paixão enorme pelos estudos do corpo do ator. Se descobrindo na performance, saMÃEbaias é sua primeira performance autobiográfica. Estudou Teatro também em Teatro Della Corte - Itália e é integrante do Grupo Frito onde pesquisa absurdo. Além de artista, também é filha e irmã. A arte é incansável e sempre busca suas respostas nela.

Amanda Diener Shor

Amanda Diener Shor é atriz, produtora e estudante de Letras/Literaturas na Unirio. Como atriz, é bacharel pela Casa das Artes de Laranjeiras e circula por festivais de teatro nacionais com a cena autoral “Frutos Silvestres”, sob direção de Yasmin Gomlevsky e Duda Persson. Como produtora, trabalhou na produção geral da peça Os Infortunados - contemplada pelo edital FOCA de incentivo à cultura (2022 e 2023) e realizou a produção executiva e assistência de direção das oficinas de atuação para câmera da diretora Nadia Bambirra. Na Unirio, é bolsista CNPq da pesquisa da orientadora Carla Miguelote Corpos dissonantes, escritas insurgentes: inflexões feministas na literatura e em outras artes.

Buda Performer

Buda é um cachorro fofo que estreou no mundo da arte em 2020 com uma série de re-enactments em companhia de sua tutora, Tania. Também cão de suporte de sua tutora que faz parte do espectro autista, Buda atua como performer e professor e participa dos projetos de arte socialmente engajada do Coletivo Performers sem Fronteiras, como a Fábrica de Sonhos da UNIRIO ou o espetáculo Psicotropicais – protocolos de reflorestamento afetivo, com direção de sua tutora. Foi performer na Ação cãocreta, realizada na MIT-SP 2024 a convite do projeto “Diálogos Perros”, de Monina Bonelli e Celso Curi. Participou do livro Présence intime - Presen-

ça íntima, coletando com sua tutora e a professora Pascale Weber, histórias de amor entre animais, plantas e humanos na rua, durante a sua estadia na Sorbonne, onde sua tutora foi professora convidada em março de 2023. Em suas obras, Buda tenta desconstruir a visão especista do mundo, causadora da crise ecológica que vivemos, e fornecer um antídoto de fofura e humor às exigências por vezes cruéis do mundo humano.

BIBLIOGRAFIA

ALICE, Tania. Diluição das fronteiras entre linguagens artísticas: a performance como (r)evolução dos afetos. *Revista Palco*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2014. Disponível em: https://taniaalice.com/wp-content/uploads/2024/11/palco2014_Artigo_Tania.pdf. Acesso em: 17 jun. 2025.

ALZHEIMER'S ASSOCIATION. 2024 Alzheimer's Disease Facts and Figures. *Alzheimer's & Dementia*, v. 20, n. 3, p. 1-90, 2024. Disponível em: <https://www.alz.org/alzheimer-s-dementia/facts-figures>. Acesso em: 20 maio. 2025.

AMARAL, Ana Luísa. *Prece no Mediterrâneo*. In: *ÁGORA*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2019.

BERENSTEIN JACQUES, Paola. "Errâncias urbanas -- a arte de andar pela cidade", 2005.

BETH LOPES. *Performance da memória*. São Paulo: ECA-USP, 2010.

CRUZ, Taylane. *Fragments*. 2025.

FISCHER-LICHTE, Erika. *A cultura como performance: desenvolver um conceito*. Sinais de Cena, 2005.

FISCHER-LICHTE, Erika. *Estética da Performance: da representação à presença*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

JUNQUEIRA, Juliana. *Cinematidade: caminhos de intersecção entre cinema e performances culturais*. Goiânia: UFG, 2019. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/web/up/106/o/Juliana_completo.pdf. Acesso em: 17 jun. 2025.

JUNQUEIRA, Juliana; SATLER, Lara Lima. Cinemalida-
de: caminhos de intersecção entre cinema e performances
culturais. Universidade Federal de Goiás, 2019.

KIFFER, Ana. A sombra do amanhecer. Texto inédito,
2025.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da
experiência. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28,
jan./abr. 2002.

LOPES, Beth. Performance na Contemporaneidade. Ars
(São Paulo), v. 5, n. 10, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ars/a/CW9YmYDyVCPZdPMWRdP39Ls/?lang=pt>. Acesso em: 8 jun. 2025.

MIGUELOTE, Carla. O livro das almas. Texto inédito,
2025.

MIGUELOTE, Carla. Porque eu pedi: uma viagem queer à
ilha do Pico. Artigo disponível em PDF, 2024.

MIGUELOTE, Carla. Porque ninguém pediu: escrita e in-
venção de protocolos de experiência. In: SOU EU QUEM

CONTA ESSA HISTÓRIA. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2024.

PORTES, Júlia. Para Ser Vivido. Projeto Fazedoras de
Amanhecer, 2025.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento.
Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

RISCADO, Caio. “Siqueira campos” -, 2024.

ROLNIK, Suely. Furor de Arquivo. Disponível em: https://www.suelyrolnik.net/_files/ugd/ffdb3d_882e3dd1d68244ed8419fef56dbeedec.pdf. Acesso em: 8 jun. 2025.

SCHECHNER, Richard. Performance Studies: an introduction. New York and London: Routledge, 2006.

TURNER, Graeme. O cinema como prática social. São Paulo: Summus, 1997.

TURNER, Victor. Do Ritual ao Teatro: a seriedade do brincar. São Paulo: Perspectiva, 1997.

WANDERLEY, Olga. Fotografia performática: encenação e presença na ação fotográfica. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 21, n. 2, 2014.

FICHA CATALOGRÁFICA